



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
CURRÍCULO, LINGUAGENS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS

VALDERÍ JOSÉ DE CARVALHO

PRÁTICAS COLABORATIVAS NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: O USO DO *SMARTPHONE* NO
COLÉGIO MUNICIPAL ODETE NUNES DOURADO, IRECÊ-BAHIA

Salvador
2019

VALDERÍ JOSÉ DE CARVALHO

**PRÁTICAS COLABORATIVAS NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: O USO DO *SMARTPHONE* NO
COLÉGIO MUNICIPAL ODETE NUNES DOURADO, IRECÊ-BAHIA**

Projeto de Intervenção apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alessandra Santos Assis

Salvador
2019

Carvalho, Valderi José de.

Práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem : o uso do *smartphone* no Colégio Municipal Odete Nunes Dourado, Irecê-Bahia / Valderi José de Carvalho. - 2019.

85 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Santos Assis.

Projeto de intervenção (Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

1. Educação - Efeito das inovações tecnológicas. 2. *Smartphones*. 3. Sistemas de comunicação móvel. 4. Inovações educacionais. I. Assis, Alessandra Santos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas. III. Título.

CDD 371.33 - 23. ed.

VALDERÍ JOSÉ DE CARVALHO

PRÁTICAS COLABORATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: O USO DO *SMARTPHONE* NO COLÉGIO MUNICIPAL ODETE NUNES DOURADO-IRECÊ-BAHIA

Projeto de Intervenção apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Profissional: Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 12 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª Draª Alessandra Santos Assis(Orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profª Draª Lanara Guimarães de Souza
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profº Draº Nelson De Luca Pretto
Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP).

Profº Draº Sílvia Maria Leite de Almeida
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

À Dona Expedita, minha mãe (*In memoriam*), a
sábua professora.
Aos meus filhos Victor e Luiza, razão da minha
existência do meu ensinar/aprender.

AGRADECIMENTOS

Ao Grande Arquiteto do Universo, a força espiritual que possibilita a edificação do meu ser.

À Alcione Neiva, minha companheira que me ajudou a superar os momentos mais difíceis até aqui.

À toda equipe docente UFBA, em especial a Prof^a Dr^a Alessandra Assis, principal motivadora desta produção.

Às amigas Iêda Marques e Jucileide Pereira que compartilharam as angústias e as discussões desse estudo.

Aos colegas e amigos de jornada/estudos em especial ao trio: Nelson Rodrigues, Osvaldo Rocha e Jefferson Maciel, idas e vindas de muitos saberes.

A minha equipe da Secretaria de Esporte e Lazer: Irênio, Kiko e Monique pela força indireta neste estudo.

Aos demais amigos, em especial Jorjão e Nei, pelo incentivo para concluir essa jornada.

A todos os meus familiares que acreditam no meu caminhar.

A todas as pessoas COLABORADORAS que COMPARTILHARAM essa vivência e acreditam na possibilidade de um ensino/aprendizagem em prol do “SER HUMANO”.

“[...]Eu quero viver essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo[...]”
(Raul Seixas)

RESUMO

A presença do *smartphone* na sala de aula tem sido objeto de discussão na sociedade, não sendo rara a decisão tomada por Gestores da Educação de proibir a utilização desses aparelhos pelos estudantes na escola. O propósito deste trabalho foi compreender o uso dos *smartphones* no processo de ensino e aprendizagem no 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Odete Nunes Dourado, situado em Irecê/BA, no sentido de discutir as possíveis contribuições pedagógicas desse dispositivo para a efetivação de práticas colaborativas na educação, bem como propor estratégias para implementação de um núcleo de pesquisas e estudos sobre tecnologias móveis na educação na Rede Municipal de Ensino de Irecê. Como aporte teórico, considera-se os estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) móveis para mudanças no modo como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas e, ato contínuo, como ensinamos e aprendemos na contemporaneidade, com ênfase em ações em redes e em processos colaborativos. A investigação realizada, de natureza qualitativa, consistiu em observações da prática pedagógica, aplicação de questionários semiestruturados, escuta de depoimentos em grupos focais, realização de entrevistas abertas com os sujeitos do campo de pesquisa. Com isso, foi possível constatar, principalmente, que é significativa a presença de *smartphones* conectados à internet na escola e que os professores sentem falta de uma reflexão mais sistemática sobre as possibilidades de uso pedagógico desse dispositivo. Assim, indicam que não há tempo e espaço, nem hábitos de práticas colaborativas com ou sem as TIC móveis na escola, embora se reconheça a importância e potencialidade de tais práticas, já vivenciadas em outras oportunidades pelos sujeitos da pesquisa. As informações levantadas e a mobilização dos atores da escola em torno desse tema, deu ensejo à elaboração de uma proposta de intervenção baseada na implementação de um Núcleo de Pesquisa e Estudo em Práticas Colaborativas e Uso das TIC Móveis na Escola.

Palavras – chaves: Práticas Colaborativas. *Smartphone*. Tecnologia móvel

ABSTRACT

The presence of the smartphone in the classroom has been the subject of discussion, not being rare the decision taken by Education Managers to prohibit the use of these devices by students in school. The purpose of this work was to understand the use of smartphones in the teaching and learning process in the 9th grade of the Odete Nunes Dourado Municipal College, located in Irecê / BA, in order to discuss the possible pedagogical contributions of this device to the practice of practices as well as to propose strategies for the implementation of a nucleus of research and studies on mobile technologies in education in the Municipal Education Network of Irecê. As a theoretical contribution, we consider studies on the structuring role of Information and Communication Technologies - mobile ICTs for changes in the way we relate to the world and to people and, as a whole, as we teach and learn in the contemporary world, with emphasis in actions in networks and in collaborative processes. The qualitative research consisted of observations of the pedagogical practice, the application of semi-structured questionnaires, listening to interviews in focus groups, and conducting open interviews with the subjects of the research field. With this, it was possible to verify, mainly, that the presence of smartphones connected to the Internet in school is significant and that teachers feel a lack of a more systematic reflection on the possibilities of pedagogical use of this device. Thus, they indicate that there is no time and space, nor habits of collaborative practices with or without mobile ICT in school, although the importance and potential of such practices, already experienced in other opportunities by the research subjects, are recognized. The information gathered and the mobilization of the actors of the school around this theme, gave rise to the elaboration of an intervention proposal based on the implementation of a Research and Study Center on Collaborative Practices and Use of Mobile ICT in School.

Keywords: Collaborative Practices. Smartphone. Mobile Technology

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Entrada do Colégio, sendo à esquerda a quadra poliesportiva e à direita área destinada a um campo de futebol.....	33
Figura 02	Quadra poliesportiva, cenário de oficinas e práticas poliesportivas.....	34
Figura 03	Pátio externo.....	35
Figura 04	Auditório	41
Gráfico01	Docentes por idade/sexo.....	37
Gráfico 02	Uso do celular e acesso a internet.....	38
Gráfico 03	Resposta dos professores que consideram suas Práticas Colaborativas.....	39
Gráfico 04	Argumento dos (as) estudantes sobre o uso do smartphone na sala de aula.....	43
Gráfico 05	Estudantes e o uso do smartphone na sala de aula.....	45
Quadro 01	Rede de Intercâmbio e Produção Educativa (RIPE).....	49
Gráfico 06	Os três aplicativos e/ou funções mais utilizados no SMARTPHONE dos alunos do 9º ano do Colégio Odete.....	50
Tabela 01	<i>Webconferência</i> para educadores: práticas colaborativas a partir do uso do <i>smartphone</i> , dentre outras tecnologias móveis na sala de aula.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEII	Centro de Educação Integrado de Irecê
CMELEM	Colégio Modelo Estadual Luís Eduardo Magalhães
FAPESB	Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado da Bahia
PPP	Projeto Político Pedagógico
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
RIPE	Rede de Intercâmbio de Produções Escolares
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
Unesco	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PRÁTICAS COLABORATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: O SMARTPHONE COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE	18
2.1 TECNOLOGIAS MÓVEIS E O USO DOS <i>SMARTPHONES</i> : O LUGAR DAS PRÁTICAS COLABORATIVAS	18
2.1.1 As Tecnologias móveis e as recomendações de políticas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)	25
2.2 PRÁTICAS COLABORATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM...288	
2.2.1 O <i>smartphone</i> como elemento estruturante da prática colaborativa	32
3 TRILHANDO UM ITINERÁRIO METODOLÓGICO	35
3.1 O CENÁRIO DA PESQUISA.....	38
3.2 O GRUPO FOCAL E OS SUJEITOS DA/NA PESQUISA	41
3.2.1 A voz dos alunos: o <i>smartphone</i> e o protagonismo	46
3.2.2 Projeto Rede de Intercâmbio e Produção Educativa – RIPE e a defesa do <i>smartphone</i> como elemento estruturante das/nas práticas colaborativas	51
3.2.3 Whatsapp: um software para <i>smartphones</i> que permite novos fazeres.....	54
4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: PRÁTICAS COLABORATIVAS A PARTIR DO USO DO SMARTPHONE – DENTRE OUTRAS TECNOLOGIAS MÓVEIS – NA SALA DE AULA	59
4.1 O USO DO <i>SMARTPHONE</i> : ENSINANTES/APRENDENTES	61
4.2 A TESSITURA DO NÚCLEO E A OPERACIONALIZAÇÃO DAS POSSIBILIDADES.....	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	73
ANEXO	77
APÊNDICES	78
APÊNDICES A	78
APÊNDICES B	83

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em especial dos dispositivos móveis, vêm repercutindo no cotidiano das escolas de diferentes modos. É possível observar, por exemplo, práticas colaborativas mediadas pelo uso de *smartphones*, não apenas como um modo de fazer a mesma educação, mas introduzindo a possibilidade de fazer diferente, com protagonismo e autoria dos sujeitos que ensinam e aprendem, em um processo permanente de ressignificação e criação de novos fazeres e saberes.

O desafio de buscar compreender o uso das TIC e discutir suas possíveis contribuições pedagógicas vem se colocando como um desafio entre educadores, no contexto em que se destaca o acesso e utilização dos aparelhos móveis entre estudantes, crianças, jovens e adultos, não raramente viesados, desconhecidos e até proibidos. Em relação ao lócus da pesquisa, os entraves estiveram relacionados à ausência/insuficiência de um trabalho colaborativo com as tecnologias móveis e a publicação de Portaria nº 01/2015, de 11 de maio de 2015, da Secretaria de Educação, que proíbe a utilização de celulares em sala de aula. Sabe-se do grande desafio da inserção da cultura digital nas escolas, mas proibir o uso dos *smartphones* não é, nem de longe o melhor caminho.

A minha própria história, enquanto estudante, fala sobre a escolha do objeto de estudo e delimitação do problema que motiva essa pesquisa, cujas lembranças em recortes são aqui trazidas à baila no ensejo de dar sentido ao processo de contextualização do estudo. Estudar na Escola Fundação Bradesco de Irecê (FBI), ainda hoje, constitui-se um privilégio para quem possui baixa renda, pela gratuidade, pelos subsídios que vão do material escolar aos atendimentos odontológicos. Estudei na FBI de 1982 a 1993, em um cenário de ensino tradicional, pautado na memorização, com o professor como único protagonista dos saberes e fazeres, com a exigência de formar de fila no pátio para ouvir o hino nacional e rezar o “Pai Nosso” antes de entrar, enfileirados, na escola.

Frequentemente, éramos conduzidos às aulas “inovadoras”, realizadas com um “Aparelho de Toca Fitas K7” revestido em uma capa de couro na cor preta e usado, principalmente, pelo Professor Lúcio Gama para ensino de inglês, por meio da escuta e tradução das músicas internacionais para o português, com o sincero propósito de fazer diferente e não deixar as aulas cansativas. Além deste dispositivo, vez ou outra, ouvíamos falar em

computadores, embora só tivéssemos acesso a um imenso laboratório de datilografia, sendo incentivados a fazer o curso visando à inserção no mercado de trabalho, o que começava a se concretizar com a experiência de estágios remunerados na própria instituição privada que financiava a FBI.

Naquela conjuntura, a inserção das TIC na escola apontava para uma tendência marcadamente tecnicista, inspirada no modo de organização fabril, visando à formação para o mercado de trabalho (SAVIANI, 2008). Havia alunos que se destacavam e conseguiam emprego na própria agência bancária da cidade e, até nos dias atuais, há registros de que os egressos dessa escola têm prestígio no mercado, com casos de pessoas inseridas em empresas multinacionais, em instituições bancárias de abrangência mundial, além daqueles que se tornaram empreendedores, dentre outras funções e/ou profissões.

Essa inspiração tecnicista na FBI, herdando práticas e concepções formuladas a partir dos anos 70, baseadas nas teorias behavioristas da aprendizagem, traduzia-se em uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes de fazeres na sala de aula. Nessa perspectiva, o professor era um mero especialista na aplicação de manuais, sua criatividade ficava dentro dos limites possíveis e restritos à técnica utilizada, sendo o aluno repetidor de ações sem reflexão visando apenas o treino de habilidades. É um modelo que, por um lado, vem atendendo a expectativas mais imediatistas sem, contudo, assegurar uma formação plena do ser humano.

Os estudos no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) também me levaram a refletir sobre o sentido da vida e da educação em sua interface com as TIC. Chegar a esse nível de ensino poderia ser considerado como algo improvável para um jovem da periferia ireceense desprovidos/as de condição financeira para pagar um cursinho pré-vestibular, filho de uma viúva lavadeira de roupa, que teve necessidade de trabalhar desde criança como ajudante de feirantes, depois caixa de supermercado, cobrador de ônibus, mototaxista e representante de vendas. Tomando as dificuldades como impulso para seguir adiante e como necessidade de transformar a realidade pessoal e coletiva, literal e metaforicamente “os mais belos montes escalei” (CIDADE NEGRA, 1998), no período em que passei no Campus IV da UNEB, na cidade de Jacobina-BA, no final dos anos noventa.

Era a realização do sonho, estudar em uma universidade pública concebida como um espaço para inclusão sócio educacional da juventude oriunda das diversas regiões da Bahia e, ao mesmo tempo, aprender sobre Geografia por imersão na "Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina" (LEMOS, D. 2013), um local singular, rodeado por serras, morros, rios, fontes e

cachoeiras, considerado como destino para o turismo ecológico na região norte da Bahia, conhecida como Cidade do Ouro. Entre as diversas metodologias de ensino vivenciadas nessa etapa, a prática pedagógica do professor Fábio Nunes nos encantava pela forma dinâmica e pelo uso criativo que dava às TIC, cujo acesso era, quase que exclusivamente, no Laboratório de Informática oferecido pela universidade, quando tivemos oportunidade de conhecer e projetar possibilidades metodológicas para as nossas futuras atuações profissionais na docência, embora a questão das tecnologias móveis fizessem parte de um horizonte ainda muito distante.

A intinerância como professor teve início em 2001, ampliando o leque de reflexões e inquietações acerca da relação entre educação e as TIC. Primeiro, lecionei no Centro de Integração de Irecê (CEII), uma instituição privada, e depois fui admitido por meio do Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) na escola pública Colégio Modelo Estadual Luiz Eduardo Magalhães (CMELEM), lecionando Geografia e Filosofia. Nessa escola, tive alunos que precisavam conciliar estudo com o trabalho, às turmas eram heterogêneas, em termos da faixa etária e havia distorção idade/série. Diferente da escola privada, a escola pública tinha uma infraestrutura bem desenvolvida, em relação ao espaço físico e também um rico aparato de TIC. O CMELEM dispunha de um laboratório de informática, um televisor em cada sala, além de outros equipamentos disponíveis por agendamento, a exemplo do retroprojetor, do vídeo k7, do DVD, do *notebook* e do *data show*.

A partir de então, começaram meus primeiros desafios com a difusão tecnológica, percebendo quão grande era a necessidade da inovação do ensino e aprendizagem, até porque diferente das necessidades que eu apresentava como professor iniciante, a maioria dos colegas tinha dificuldades em usar os equipamentos disponíveis para reorganizar suas práticas pedagógicas.

Atuando como gestor da Escola Municipal Odete Nunes Dourado (conhecido como Colégio Odete), no período de 2013 e 2014, tive oportunidade de perceber a questão das TIC na escola por uma nova perspectiva. Tratava-se de uma das maiores instituições de ensino municipal do interior baiano, com professores qualificados que desenvolviam distintas práxis pedagógicas e interação professor aluno diferenciada, o que não reduzia o desafio de buscar meios e/ou mecanismos motivadores para que os alunos pudessem (re)construir o conhecimento.

Desse lugar, busquei incentivar alunos e professores a refletirem sobre conectividade a partir dos dispositivos móveis, dos aplicativos disponíveis. O desafio maior parecia estar no modo como concebiam as inovações tecnológicas e até onde iam os preconceitos e tabus acerca do uso do *smartphone* em sala de aula. Indo além da perspectiva tecnicista e do foco na questão

da aprendizagem, avançando na direção de uma visão crítica dos fenômenos sociais, econômicos e espaciais, visando a transformação da realidade educacional para assegurar uma formação plena.

A atuação na gestão da rede municipal de ensino em 2015-2016, como Coordenador Técnico do Nível Fundamental II, elevou a responsabilidade com maior número de escolas e o uso dado as TIC, justificando o aprofundamento da compreensão desse tema, inclusive do ponto de vista teórico, o que encontra condições próprias no contexto da realização do Mestrado Profissional em Educação, realizado em parceria entre o Município de Irecê e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Experienciações e visitas nas escolas foram realizadas para levantar aspectos problemáticos sobre a utilização dos *smartphones* em sala de aula, o que se desdobrou no desejo de elaborar o trabalho final do Mestrado, um projeto de intervenção, nesse campo.

Nesse contexto, chamaram a atenção os conflitos entre professores e estudantes quando houve a proibição do uso do smartphone na sala de aula por meio da Portaria nº 01/2015 publicado pela Secretaria de Educação de Irecê em 11 de maio de 2015 (anexo). Em especial, os colegas professores e professoras da Escola Municipal Odete Nunes Dourado reportavam-me dificuldades em "controlar o uso" dessa tecnologia móvel entre estudantes dado o aumento de reclamações e desentendimentos ocorridos.

Esse tensionamento apontava para a necessidade de compreender melhor as relações que se estabeleciam entre sujeitos e as TIC móveis no espaço escolar. Nesse viés, lidar com conflitos dessa natureza exige compreender a escola como um lugar onde as pessoas se (re) conhecem, onde exercem sua necessidade de ser/existir, convocando o ser humano com as suas individualidades para fortalecer a prática colaborativa cotidiana coletiva feita nesse espaço, que se organiza intencionalmente a partir de um conjunto de referências de vida e de mundo desses atores (SCHALLER, 2008).

Nesse Projeto de Intervenção (PI), o conceito de prática colaborativa está relacionado às ideias de Bonilla, Pretto e Almada (2012, p.207) quando apontam à necessidade de circulação "cooperativa de materiais que articulem diversas mídias e linguagens [...] disponibilizados de forma livre, aberta e sem necessidade e controle de intermediários para possibilitar a apropriação coletiva e remixação desses materiais na escola" (BONILLA, PRETTO e ALMADA, 2012, p. 217). Não se trata, portanto, de utilizar novas tecnologias para fazer a mesma educação. Está posta a necessidade de trazer a tecnologia para dentro das escolas por meio de uma integração mais afetiva e efetiva, modificando radicalmente a prática pedagógica na direção de uma nova educação ou educações (PRETTO, 2000). Isto porque as TIC de modo

geral, e os dispositivos tecnológicos móveis, especificamente, não podem ser tratados como meras ferramentas de ensino ou recursos didáticos, mas como elementos fundantes ou estruturantes de novas formas de ser, pensar, agir, se relacionar e existir na contemporaneidade (BONILLA, 2012, LÉVY, 1998, PRETTO, 1996).

Desse modo, enquanto pesquisador implicado na realidade e compreendendo a importância de dialogar sobre práticas colaborativas e o uso do *smartphone* na Rede municipal de Educação de Irecê, passei a olhar de forma mais investigativa o uso dos *smartphones*, pois nesse contexto havia uma “(in)visibilidade” na rede em torno das diversas possibilidades de uso dos *smartphones* como elemento estruturante da prática colaborativa na sala de aula.

Além disso, essa “(in)visibilidade” se mesclava com a proibição do uso dos *smartphones* pelos estudantes, algo totalmente equivocado, do ponto de vista pedagógico e colaborativo, *uma* vez que estamos mergulhados nas tecnologias móveis, enquanto sujeitos sociais e pós modernos. Destarte, comecei a refletir sobre os caminhos a percorrer para o projeto de intervenção, na perspectiva do protagonismo dos alunos e professores na (re)construção de saberes colaborativos e não meros consumidores de informação e conhecimento via essa tecnologia móvel, dentre outras na escola.

Assim, a escolha do lócus da pesquisa, a Escola Municipal Odete Nunes Dourado se deu por conta da proibição do uso do *smartphone* regulamentada via ofício publicado pela Secretaria de Educação. Essa portaria implicou na compreensão de “certa (in)visibilidade” do uso dos *smartphones* na prática pedagógica na nossa rede de educação ireceense. Para tanto, o trabalho educativo com as tecnologias móveis favorecem as práticas colaborativas na sala de aula, oportunizando o (re)desenho de uma nova representação do ser humano, a partir das conexões com e do/no mundo.

De tal modo, entendendo a Escola Municipal Odete Nunes Dourado como um espaço aprendente, em rede colaborativa, e assumindo o desafio de (re)pensar a presença dos *smartphones* na sala de aula como elemento significativo nos dias atuais. Assim, os estudos realizados a partir do Mestrado Profissional em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, fomentaram o presente trabalho, cujo objetivo geral foi compreender o uso dos *smartphones* e suas possibilidades para implementar práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem no 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Odete Nunes Dourado.

Além do mais, objetivou também dialogar sobre a importância das práticas colaborativas no processo de ensino/ aprendizagem, compreendendo o compartilhamento como algo indissociável ao conhecimento; conceituar tecnologias móveis em especial o *smartphone* no

contexto da sala de aula e para além dela; identificar as possibilidades do uso do *smartphone* como elemento estruturante da prática colaborativa; analisar o projeto Rede de Intercâmbio e Produção Educativa (RIPE) e suas contribuições para a Rede Municipal de ensino de Irecê e por fim apresentar um Projeto de Intervenção cuja proposta é a criação de um Núcleo, cujas práticas colaborativas repercutam no uso do *smartphone* – dentre outras tecnologias móveis – na sala de aula.

Esse Projeto de Intervenção está trabalho está organizado em 05 partes, contadas a partir dessa introdução. A primeira delas traz uma discussão acerca das práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem, tecnologias móveis e o uso dos *smartphones*: o lugar das práticas educativas colaborativas, além de uma discussão sobre o *smartphone* como elemento estruturante da prática colaborativa fazendo uma releitura de autores nacionais que dedicaram estudos e pesquisas sobre o uso de tecnologias na educação. É abordado também sobre as tecnologias móveis e as recomendações de políticas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Na segunda parte, aponta-se a trilha do itinerário metodológico, descrevendo o cenário da pesquisa, a coleta de dados via grupo focal, no qual os sujeitos da/na pesquisa tem vez e voz. Nesse itinerário também é apresentado o projeto Rede de Intercâmbio e Produção Educativa (RIPE) e a defesa do *smartphone* como elemento estruturante das/nas práticas colaborativas contemplando também uma leitura fenomenológica para a proposta de intervenção. Além disso, dialoga-se também sobre o *WhatsApp*: um software para smartphones que permite novos fazeres e o uso do *smartphone* enquanto relação ensinantes/aprendentes.

A terceira parte traz a proposta de intervenção, a tessitura de um Núcleo de Pesquisa e Estudo em Práticas Colaborativas a partir do uso do *smartphone*, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula. A proposição desse núcleo tem haver com a necessidade de um espaço físico e também virtual, no qual os alunos possam produzir o conhecimento colaborativamente. Pensando nisso, a proposta de Intervenção dialoga sobre a sensibilização da escola e de toda a comunidade escolar através da sugestão de *webconferências* temáticas voltadas à organização do trabalho pedagógico, bem como do planejamento e da flexibilização do currículo, no sentido de oportunizar as transformações necessárias para implementação do Núcleo.

Por fim, a quarta parte, constitui-se das considerações finais, os resultados da pesquisa e as implicações do autor na realidade estudada. Em suma, a expectativa é que as ideias aqui dialoguem com professores e alunos sobre o uso que fazem dos dispositivos móveis, a fim de que haja melhores condições de utilização do *smartphone* na sala de aula, no sentido de pensar coletivamente em transformar os espaços da escola.

2 PRÁTICAS COLABORATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: O SMARTPHONE COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE

O acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em especial as tecnologias móveis por meio do *smartphone* possibilitou no final da segunda década do século XXI a expansão das redes de comunicação, uma possível consequência do capitalismo financeiro e, principalmente da evolução da economia brasileira. Tal fenômeno encontra-se aliado às facilidades na venda/compra destes aparelhos, os quais podem ser parcelados em dez (10) vezes ou mais. O *smartphone* tem superado as expectativas em vendas no Brasil conforme pesquisas¹ econômicas, superando até o número de habitantes² por aparelho.

Esse crescimento vertiginoso está diretamente ligado também à necessidade que temos de conexão, de compartilharmos informações, pois de alguma forma, “as pessoas querem oportunidades significativas para participar e contribuir [...] Elas querem formas viáveis de compartilhar” [...] (LEADBEATER, 2009, p. 29 apud SANTANA, ROSSINI E PRETTO, 2012, p. 12). De tal modo, o uso dos *smartphones* como recurso pedagógico está atrelado a um contexto social, no qual alunos e professores necessitam articular saberes para o desenvolvimento de educação integral.

Para Santana, Rossini e Pretto (2012, p.23, grifos do autor), a educação “precisa resgatar a sua dimensão fundamental de ser o espaço da criação, da colaboração, da generosidade e do compartilhamento”. Pensando a importância dos itens destacados acima, este capítulo trata das práticas pedagógicas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem, das tecnologias móveis e do uso dos *smartphones* como um elemento estruturante possibilitador de formação de redes educativas que se delineiam para um mesmo fim, dar sentido à escola e qualificá-la para atender às demandas da sociedade contemporânea.

2.1 TECNOLOGIAS MÓVEIS E O USO DOS SMARTPHONES: O LUGAR DAS PRÁTICAS COLABORATIVAS

¹Os trechos são de uma matéria publicada no site da Revisa Exame no dia 22 abr 2016. Outros números interessantes referentes às estatísticas de uso de celular no Brasil mostram o quanto a mobilidade está presente no dia a dia dos brasileiros: – No final de 2014 o Brasil já era o 6º mercado mundial de smartphones, superado apenas por China, EUA, Índia, Japão e Rússia; – No segundo trimestre de 2015 o número de brasileiros que usam o smartphone para acessar a Internet ultrapassou a marca de 72 milhões, representando um aumento de 23,5% em relação ao semestre anterior. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/estatisticas-de-uso-de-celular-no-brasil-dino89091436131/>; Acesso em 02/04/2019;

² De acordo a 29ª Pesquisa Anual do Uso de TI, 2018, realizada em maio pela Fundação Getúlio Vargas, no Brasil têm 220 milhões de *smartphones*, o que corresponde a proporção de mais de um (01) celular inteligente por habitante². Disponível em: [tps://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2018gvciappt](https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/pesti2018gvciappt); Acesso em: 02/04/2019.

O uso da comunicação com o telefone surgiu a partir de Alexander Graham Bell, no século XIX, mas ao longo dos anos a comunicação e informação vêm se popularizando, saindo dos telefones convencionais para dar espaço aos *smartphones*. A tecnologia móvel chegou para efetuar sucessivas relações, com a interconexão entre as pessoas e os espaços. Neste novo cenário de transformação, a tecnologia móvel ampliou a forma de relacionamento dos sujeitos com/para o mundo, estreitando laços através de uma nova forma de comunicação.

A notável influência deste dispositivo do/no cotidiano é consequência do fácil acesso, bem como pela sua mobilidade. Por ser considerado o aparelho de tecnologia móvel digital mais utilizado, por sua facilidade de acesso, o *smartphone* ocupa aqui um lugar de destaque nas discussões. O conceito de tecnologias móveis foi definido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco em um documento intitulado: Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel (2014) como sendo “[...] quaisquer dispositivos móveis, digitais, facilmente portáteis, com acesso à internet e recursos multimídia”. A instituição oferece uma série de publicações voltadas ao tema, o que muito contribuiu para organização das minhas ideias.

A segunda década do século XXI foi marcada pelas possibilidades de compartilharmos em tempo real, temas complexos, rotineiros e uma infinidade de informações processadas por segundo. Essa cultura digital tão presente na sociedade traz o debate também para as escolas. Novas relações entre autores, consumidores/leitores e editores. Os livros digitais tomando espaços, aulas virtuais, download etc. Para a escola, essa transição histórica ainda é desafiadora, pois existe uma barreira entre a prática de educadores (analógicos³) no processo de ensino/aprendizagem e a dos educandos da era digital. Estes docentes dificilmente falarão a mesma linguagem, porque estes últimos têm buscado com mais intensidade a atualização, conforme o seu interesse pessoal, formação, padrão financeiro e/ou acessibilidade à evolução tecnológica, dentre outros.

Nesse contexto, as tecnologias móveis fazem parte de um desenvolvimento científico-tecnológico, no qual busca-se satisfazer os anseios/necessidades da sociedade contemporânea, cada vez mais imersa na cultura digital. Nessa perspectiva, a contemporaneidade traz consigo grandes desafios, no que diz respeito, principalmente às possibilidades voltadas para a conectividade e a colaboração. Sobre isso, vale lembrar que, na contemporaneidade, o acesso às informações ganhou significativa ampliação:

³ Termo usado para referir-se aos educadores ausentes da cultura digital ou que ainda não se apropriaram dela.

As informações que antes eram transmitidas pelos livros e pelos professores, agora são transmitidos pela internet, ou seja, sua utilização é, basicamente, para navegação e captação de informações. Essa tem sido a forma utilizada para inserir as tecnologias da informação e comunicação no modelo de educação praticada nas escolas. (MORIN, 2005, p. 155).

Uma vez que as dinâmicas dos fenômenos e das informações sofrem alterações instantaneamente. Situações estas, as quais são instigantes ao apreender e apropriar-se da tecnologia móvel para a inserção nos cenários globalizados. Acerca dessa premissa, Morin (2005, p. 40) argumenta que:

Vivemos uma era histórica em que os desenvolvimentos científicos, técnicos e sociológicos estão cada vez mais em inter-retroações estreitas e múltiplas. Há três séculos, o conhecimento científico, não faz mais do que provar suas virtudes de verificação e de descoberta em relação a todos os outros modos de conhecimento. É o conhecimento vivo que conduz a grande aventura da descoberta do universo, da vida, do homem.

Vivemos assim, diferentes modos de vida com a aproximação do uso dos aparatos tecnológicos, os quais promoveram uma verdadeira revolução no ser, pensar e agir. Dessa maneira, não somos escravos da tecnologia, contudo, faz-se necessária uma organização prévia de planejamento, uma vez que é possível viver com as interferências, com o objetivo de compreendermos de maneira crítica, para (re)construir a nossa identidade, conforme as nossas necessidades e/ou possibilidades.

É notável que a popularização das tecnologias móveis e o acesso à internet – principalmente nessa segunda década do século XXI –, acentuou a metamorfose dos espaços e da sociedade. Elas demarcam territórios representativos de um poder que emana das novas formas virtuais de comunicação, uma vez que os seres humanos se relacionam, interagem, fortalecendo assim a sua identidade nestes espaços físico e/ou virtual através do compartilhamento de conteúdos e informações a exemplo do *WhatsApp*, aplicativo disponível nos *smartphone*.

Partindo desse princípio, as pessoas não precisam mais, necessariamente, ficar em suas casas, nos seus quartos e em lugares fechados. Elas se encontram, se conectam, conversam e trocam experiências em plena praça pública. Nesse espaço digital de compartilhamentos, as aproximações e distanciamentos – elementos como a distância, espaço físico e o tempo – perdem o seu real significado.

Nesse viés, os recursos de tecnologia móvel como: *smartphones*, *notebooks*, *laptops*, *tablets*, *Ipads* produzem uma nova forma de relação social, cultural e de comunicação, com processos mais abertos, horizontais e menos excludentes. O que se discute com essa nova

perspectiva é a evolução de processos voltados para as tecnologias móveis como possibilidade nômade, principalmente no que se refere às conexões estabelecidas com os aparelhos móveis. Nesse aspecto, os indivíduos, os quais antes não se conectavam, passaram a se conectar na rede em um computador fixo residencial ou não, agora podem se conectar e se comunicar independente do espaço e do tempo.

Com essa mudança descrita, outras mudanças vão se estabelecendo. Um exemplo disso são as cidades contemporâneas, que através das redes telemáticas, possibilitam conexão sem fio, as quais criam diversas possibilidades de organização do espaço com maior flexibilidade (LEMOS, A., 2009). Para esse mesmo autor, “a cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas” (LEMOS, A., 2009, p.28). Nesse sentido, a mobilidade é uma questão estruturante das tecnologias digitais. A cultura da mobilidade é o reflexo dessa estrutura.

Ainda conforme Lemos A. (2009, p.28) na comunicação, “a mobilidade é central, já que comunicar é fazer mover signos, mensagens, informações, sendo toda mídia (dispositivos, ambientes e processos) estratégias para transportar mensagens afetando nossa relação com o espaço e o tempo”. Assim, nessa discussão em torno da mobilidade, outro quesito importante é refletir sobre os processos de territorializações e desterritorializações. Para Deleuze e Guattari (1986) apud Raffestin (1993, p, 143) o conceito de território se forma a partir do espaço resultando em:

uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo pela representação), o ator territorializa o espaço. (...) O território nessa perspectiva é um espaço onde se projetou, seja energia e informação, que por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

Tanto a territorialidade como a desterritorialidade se baseiam no nomadismo digital, de apropriação e desapropriação de lugares. E a escola diante disso? Como proceder? O que fazer? A escola faz parte dessa cultura da mobilidade e da conectividade. As pessoas que frequentam a escola são frutos dessa sociedade conectada. Para responder questões como estas, precisamos colaborativamente criar possibilidades horizontais de diálogo, de negociação, de valorização cultural e social do nosso entorno.

De tal modo, é na escola que as práticas colaborativas tornam-se viáveis, ao partir do interesse do aluno e da necessidade de socialização dos conhecimentos produzidos culturalmente e historicamente, na articulação de aprendizagens móveis ou fixas. Acerca disso, Silva A.(2015, p.04) argumenta que:

Na educação, os ambientes tornam-se aliados nas práticas pedagógicas, principalmente pela viabilidade de articular uma aprendizagem mais concordante com os atuais anseios dos alunos, nos quais manifestam maior interesse nas questões pedagógicas quando exercitada nos ambientes digitais.

A colaboração na contemporaneidade, é uma premissa dos saberes/fazer, que valoriza a criatividade, resolve problemas, possibilita a (re)construção do conhecimento a partir da coletividade e comunga com a ideia de realizar compartilhamentos. Para Santana, Rossini e Pretto (2012, p.14) “a possibilidade de troca entre as pessoas, a permuta de conhecimentos e informações que possibilitou as grandes transformações sociais, culturais e tecnológicas que vivemos”. Nesse sentido, é possível perceber que o uso do *smartphone on-line* transporta as pessoas para lugares distantes, de maneira a contribuir com a visibilidade dos estudantes.

Além disso, a virtualização promove experiências na percepção da colaboração das construções individuais e/ou coletivas através do compartilhamento de ideias, informações, conteúdos, serviços. Nesse sentido, a escola, por sua vez, como integrante da sociedade recebe essas transformações de maneira brusca, sem muito tempo para compreendê-las a partir de um pensamento pós-moderno e questionador das certezas. A escola ainda continua agindo com fundamentos da modernidade enquanto a pós-modernidade⁴bate à porta. Para isso, basta analisarmos o seu espaço físico, práticas e resultados.

Nesse contexto, a escola mostra seu “possível fracasso”, pois suas ações pedagógicas centradas no individualismo permanecem vazias de significado dificultando o processo colaborativo de ensino-aprendizagem do sujeito pós-moderno. Sendo assim, o uso do *smartphone* tem sua importância justificada na mobilidade produzida, uma vez que inúmeras conexões são efetivadas em milésimos de segundos. Todos esses processos contribuem estruturalmente com novas práticas colaborativas emergentes nos dias atuais.

Colaborar no sentido de produzir conteúdos abertos e partilhados com interações simultâneas, nas quais o conhecimento historicamente produzido não é mais concentrado nas mãos de poucos, mas “acessível” a todos. Tudo isso é possível graças a essa “era da conexão e da mobilidade”, na qual as pessoas se movimentam, vão e vem e, mesmo assim se mantém conectados, através das várias formas de conexão: *wifi*, 3G, 4G etc.

⁴Sob a perspectiva pós modernidade, conclui-se que: [...]se sai de fato da modernidade, segundo Nietzsche. Pois a noção de verdade não mais subsiste e o fundamento não mais funciona, dado que não há fundamento algum para crer no fundamento, isto é, no fato de que o pensamento deva “fundar”: não se sairá da modernidade mediante uma superação crítica, que seria um passo ainda de todo interno à própria modernidade. Fica claro, assim, que se deve buscar um caminho diferente. (VATTIMO, 2002, p. 173)

Nesse âmbito, a escola como uma instituição historicamente organizada para fins educacionais, na qual os sujeitos ocupam papéis distintos, com funções diferenciadas deve convergir sua organização num trabalho colaborativo de toda a comunidade escolar (direção, coordenação, pais, professores e outros profissionais). É também um espaço originário da atuação dos educadores, na qual estes desenvolvem práticas docentes dialéticas e complexas que se relacionam simultaneamente com os princípios de reprodução e transformação da sociedade (ORSOLON, 2010).

É notável no discurso de muitos professores, o “modismo e/ou da obsolescência” a cada inovação tecnológica, principalmente, se não percebe e/ou possui o domínio dessas atualizações e sua praticidade no cotidiano. Onde fica o lugar das práticas colaborativas? Não existe! Num espaço no qual as tecnologias são vistas como inimigas ou ignoradas, o trabalho colaborativo não prevalece.

No entanto, ao aprofundarmos no conhecimento a partir das tecnologias móveis, desvelamos os saberes/fazeres baseados na evolução, na apropriação das inovações das tecnologias e da cultura digital, com diversas possibilidades colaborativas e mediadoras do/no ensino/aprendizagem. Acerca disso Pretto e Assis (2008, p. 78) apontam que “a apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana”. Assim sendo, a escola precisa se preparar e, juntamente como seus professores perceberem as possibilidades da integração entre comunicação e educação, no que tange às ações produtivas no campo da colaboração a partir das TIC. Para isso, Bonilla (2002, p. 95) também referencia que:

A contemporaneidade exige que a escola proponha dinâmicas pedagógicas que não se limitem à transmissão ou disponibilização de informações, inserindo nessas dinâmicas as TIC, de forma a reestruturar a organização curricular fechada e as perspectivas conteudistas que vêm caracterizando-a.

Nessa esfera, um dos possíveis caminhos para fomentar práticas colaborativas na contemporaneidade perpassa pela formação docente, pois é uma das temáticas mais debatidas nos dias atuais, principalmente, no que se refere à utilização de dispositivos tecnológicos. Acerca disso Pretto e Bonilla(2015, p.508) aponta que:

Um dos pontos mais críticos para a estruturação de um modo horizontal de organização das escolas e da educação brasileira diz respeito à formação de professores. Precisamos superar a ideia de treinamento, muitas vezes em aligeirados cursos, visando à preparação técnica para o uso de computadores, para, no máximo, servir como certificação para promoção na carreira dos docentes.

Não é só habilitar para uso do computador ou dispositivos móveis isolados. O professor vive na escola (em alguns casos) em contato direto com uma avalanche de aparatos tecnológicos presentes na escola, dentre estes os *smartphones*, entretanto, repetitivamente ficam isolados do/no processo educativo. O grande desafio, nesse aspecto, é tomar posse desses aparatos com intuito de proporcionar na escola um espaço propício de aprendizagem móvel, através de práticas colaborativas constantes. Acerca do desenvolvimento tecnológico Cantú (2005, p. 35, grifo do autor) afirma que:

O desenvolvimento tecnológico tem provocado profundas modificações nos modos de vida da sociedade contemporânea. A cada dia, deparamo-nos com novos aparatos tecnológicos e sistemas, sendo que, em particular, as áreas de telecomunicações e informática têm presenciado avanços até bem pouco tempo inimagináveis. Esta revolução tecnológica constitui um elemento essencial para a compreensão da nossa modernidade, na medida em que cria formas novas de socialização e, até mesmo, novas definições de identidade cultural e coletiva. Em função disto, considera-se como responsabilidade dos sistemas educativos, fornecerem, a todos, os meios para dominar a proliferação das informações, de seleccioná-las e hierarquizar, dando mostras de espírito crítico

Para que a efetivação das práticas colaborativas sejam fortalecidas é necessário buscarmos possibilidades de formação docente, para o fomento destas. Inicialmente, poderá acontecer um distanciamento do aspecto técnico, o qual provoque no professor e, conseqüentemente, nos estudantes o desejo de produção coletiva dentro da escola. Essas produções devem ser frutos da utilização de dispositivos tecnológicos móveis, não como ferramenta apenas, mas como fundantes (BONILLA, 2012, LÉVY, 1998, PRETTO, 1996) para produções colaborativas diversificadas: vídeos, filmes e produções audiovisuais, por exemplo. Neste aspecto, Morin (2012, p. 62) corrobora com a seguinte ideia:

[...]podemos educar para a autonomia, para a liberdade com processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeite as diferenças, que incentivem, que apoiem, orientados por pessoas e organizações que aprendem a ser mais livres e autônomas.

Assim, a formação docente para práticas colaborativas em sala de aula e/ou fora dela deverá ser pautada na autonomia e liberdade de criação coletiva. Dessa maneira, visa compreender e buscar produções coletivas, tendo dispositivos tecnológicos móveis como elemento crucial para a ação docente voltada para a construção de possibilidades diversificadas na escola, com a participação protagonista de todos os envolvidos no processo educativo, desse modo, promove integração, participação, colaboração e, principalmente, horizontalidade nas relações de ensino-aprendizagem.

2.1.1 As Tecnologias móveis e as recomendações de políticas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)

É inegável a sedução das tecnologias móveis nas diversas faixas etárias, independente da escolaridade, principalmente quando estão em conexão com a internet. Esta conectividade aproxima e possibilita até mesmo intervenção nos/dos distintos fenômenos e escalas geográficas. Um exemplo desse processo é a onda de protestos e revoltas que se iniciou em 2011 na chamada Primavera Árabe, o levante em prol à democracia. No entanto, há também as ações consideradas negativas⁵, dentre elas podemos citar a invasão da privacidade, cyberbullyng, tráfico de informações, e riscos de morte. Essas ações negativas são perigosas e servem de alerta, exigindo um determinado “controle” na escola, tendo em vista que as redes são abertas e entram pessoas mal intencionadas. Nesse sentido, as Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) (2014 p, 36) faz um alerta importante:

as tecnologias móveis podem ser utilizadas para acessar materiais impróprios. Nas mãos erradas, os aparelhos móveis também podem causar comportamentos indesejáveis, como *bullying*, envio de mensagens violentas ou sexualmente explícitas, além de possibilitar a interação com indivíduos perigosos

Além das ações negativas decorrentes do uso dos *smartphones*, as escolas ainda enfrentam desafios para que a inserção desse dispositivo se efetive na prática educativa cotidiana. Os estudos realizados pela Unesco(2014) revelam que as tecnologias móveis são comuns, mesmo em áreas onde escolas, livros e computadores são escassos. O acesso aos telefones celulares, em decorrência da redução dos preços impulsiona cada vez mais pessoas, adquirem aparelhos móveis e aprendem a usá-los, inclusive aquelas que vivem em áreas mais vulneráveis.

Nesse contexto, a Unesco (2014, p.23) aponta que “as tecnologias móveis ajudam a assegurar que as aprendizagens, dentro e fora da sala de aula, apoiem-se mutuamente”. Para isso, faz algumas recomendações sobre as tecnologias móveis pautadas na aprendizagem móvel que segundo a organização consiste em:

um ramo da TIC na educação. Entretanto, como usa uma tecnologia mais barata e mais fácil de ser gerenciada individualmente do que computadores fixos, a aprendizagem móvel requer um novo conceito para o uso de

⁵Ações negativas me refiro a exposição de situações do outro e/ou da outra pessoa sem a devida permissão, embora haja sanções para esta prática prevista na lei 12.737/2012 que foi apelidada de Carolina Dieckmann; um outro ponto é utilizar o smartphone ao dirigir, infração presente no código de trânsito desde 1997 (CTB - Lei nº 9.503 de 23 de Setembro de 1997).

modelos tradicionais na implementação de tecnologias. (UNESCO 2014, p, 24).

Para que esse novo conceito seja perpetuado, a Unesco definiu algumas recomendações para o uso das tecnologias móveis na educação formal e informal. Vejamos abaixo essas recomendações na íntegra:

- **Examinar** os potenciais e os desafios educacionais específicos oferecidos pelas tecnologias móveis e, quando apropriado, incorporá-los nas políticas amplas de TIC na educação.
- **Evitar** proibições plenas do uso de aparelhos móveis. Essas proibições são instrumentos grosseiros que geralmente obstruem as oportunidades educacionais e inibem a inovação do ensino e da aprendizagem;
- **Fornecer** orientação sobre como novos investimentos em tecnologia podem funcionar em conjunto com os investimentos e as iniciativas educacionais existentes.
- **Assegurar** que os recursos e os conteúdos educacionais, incluindo os de depósitos *online* existentes, sejam facilmente acessíveis por meio de aparelhos móveis.
- **Fortalecer** a licença de acesso aberto dos conteúdos móveis para facilitar sua utilização e adaptação da forma mais ampla possível, promovendo o uso de recursos educacionais abertos, ou REAs.
- **Estimular** o desenvolvimento de plataformas ou programas que permitam que professores em sala de aula – assim como outras pessoas que conheçam os alunos pessoalmente – criem ou adaptem conteúdos para aparelhos móveis.
- **Promover** a criação de conteúdos para aparelhos móveis que sejam relevantes para grupos comunitários específicos e acessíveis nos idiomas locais, convidando criadores de conteúdos locais a criá-los no âmbito da aprendizagem móvel para suas comunidades.
- **Advogar** por padrões que tornem os aparelhos móveis, os programas e os conteúdos didáticos disponíveis para diversas populações de estudantes, incluindo aqueles com deficiências.
- **Examinar** a infraestrutura de TIC existente e estabelecer metas realistas para melhorá-la, dedicando atenção especial às áreas subatendidas.
- **Considerar** o fornecimento de subsídios, integrais ou parciais, para o acesso a serviços móveis de dados e banda larga. Muitos governos oferecem subsídios *e-tarifa* para promover o acesso à internet com fins educacionais, por meio de computadores.

Além disso, os governos devem considerar atividades em favor de subsídios *m-tarifa*, para promover o acesso móvel à internet.

- **Apoiar** esforços para a construção de redes locais e *ad hoc* para dar suporte à aprendizagem móvel, especialmente em contextos nos quais não estão disponíveis redes maiores.
- **Assegurar** acesso e participação iguais na aprendizagem móvel, a todos os estudantes e professores. Nos casos de implementação do modelo TSPA⁶, os governos devem adotar medidas para fornecer aparelhos móveis e conectividade a estudantes que não possuem seu próprio aparelho.
- **Promover** o uso responsável dos aparelhos móveis, por meio do ensino da cidadania digital.
- **Adotar** políticas de uso responsável (PUR), em vez de políticas de uso aceitável (PUA). As PUR ajudam a destacar e a reforçar hábitos saudáveis, e também asseguram que os educadores não sejam forçados a policiar o uso das tecnologias móveis, uma tarefa em grande parte inútil para professores que podem ter contato com centenas de estudantes em um único dia.
- **Articular** estratégias para equilibrar a interação *online* com a interação *off-line*, em contextos em que o tempo excessivo despendido em frente à tela e o uso em demasia de TIC sejam preocupações sérias. Além disso, é necessário distinguir o que constitui tempo de tela produtivo e improdutivo, ou tempo de tela saudável e não saudável.
- **Permanecer** atualizado sobre pesquisas a respeito de potenciais riscos à saúde associados às tecnologias móveis.
- **Destacar** e elaborar modelos sobre como as tecnologias móveis podem melhorar o ensino, a aprendizagem e a gestão educacional.
- **Compartilhar** os resultados de pesquisas e avaliações de projetos de aprendizagem móvel.
- **Estimular** o diálogo sobre aprendizagem móvel entre as mais importantes partes interessadas, incluindo diretores, professores, estudantes, pais, líderes locais e organizações da comunidade.
- **Oferecer** uma visão coerente sobre como a tecnologia, incluindo as tecnologias móveis, podem contribuir ainda mais para se atingir metas de aprendizagem.

⁶TSPA – traga seu próprio aparelho.

As recomendações são desafiadoras, entretanto é nítida a presença dos dispositivos móveis na rotina principalmente dos jovens em tempo integral. Esse apego pode afetar as diversas inter-relações da vida cotidiana, de maneira positiva e/ou negativa, a exemplo dos momentos de sociabilidade em família ou entre amigos, a organização do tempo livre, as relações de trabalho, de estudo etc. Considerando os estudos e demais pesquisas, torna-se urgente a colaboração e o compartilhamento das possibilidades dos saberes/fazeres do uso do *smartphone* na sala de aula no processo de ensino/aprendizagem.

2.2 PRÁTICAS COLABORATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM

A interatividade na atualidade nos permite compreender que, “não é mais possível esperar que cada um, individualmente, encontre respostas para tantas e tão complexas questões que se fazem presentes na prática diária dos estabelecimentos de ensino” (ANDRÉ, 2005, p 12). Nesta perspectiva, as tecnologias móveis possibilitam apontar novas trilhas no processo de ensino/aprendizagem, realizando conectividades e compartilhamentos do conhecimento e dos saberes/fazeres produzidos em redes, numa produção colaborativa.

Nessa perspectiva, as tecnologias móveis são estratégias de conhecimento e ação que possibilitam através das práticas colaborativas que o aluno produza/transforme e consuma informações num contexto educativo. Para isso, a concepção de ensino- aprendizagem analisada aqui parte do pressuposto de que há uma intensa necessidade de melhorar os índices de qualidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula, organizados a partir do uso das tecnologias móveis em situações didáticas. De tal modo, não faz sentido a escola proibir o *smartphone*, essa prática demonstra que a escola não tem uma boa percepção sobre as potencialidades comunicacionais da cultura digital. Acerca disso, Pretto e Bonila(2015, p.511) apontam que:

A falta de percepção sobre as potencialidades comunicacionais e de imersão na cultura digital dos ambientes interativos da Web 2.0 para as atividades desenvolvidas na escola leva muitas delas a bloquear as redes sociais, e esse bloqueio inviabiliza a realização de projetos envolvendo diálogo entre turmas diferentes, ou entre os alunos e outras pessoas, externas à escola, o que potencializaria processos de aprendizagem baseados na troca, na interação dinâmica e colaborativa, no compartilhamento de ideias e saberes. Ao mesmo tempo, esses bloqueios instigam os alunos a investirem no conhecimento da tecnologia, para quebrá-los. É a cultura hacker se constituindo na escola, à revelia da proposta pedagógica.

Uma alternativa de controle e bom uso deste é traçar combinados, orientar pesquisas, produzir vídeos, fotos, usar aplicativos para diversos fins, entre outras aplicabilidades em processos de aprendizagem. Para Bransford, Brown e Rodney (2017) a aprendizagem consiste no conhecimento e aplicabilidade de acordo com a especificidade de cada aprendiz. Não mais uma aprendizagem mecânica e fechada em conteúdos descontextualizados, mas uma aprendizagem cuja abordagem seja mais contemporânea. Os autores supracitados alertam sobre a necessidade de:

uma nova teoria da aprendizagem, que conduza a abordagens muito diferentes das encontradas muitas vezes nas escolas atuais, em relação ao projeto do currículo, do ensino e da avaliação (BRANSFORD; BROWN E RODNEY, 2007, p.19).

A partir das leituras de Bransford, Brown e Cocking (2007) é possível concluir que é inconcebível uma aprendizagem significativa constituída de modo isolado. Além disso, apontam a necessidade de criar ambientes de aprendizagem eficazes, nos quais seja possível repensar sobre os conteúdos ensinados. Acerca do uso das tecnologias, Bransford, Brown e Cocking (2007) discorrem que as tecnologias fornecem a criação de um novo ambiente de aprendizagem, com novas possibilidades no processo educacional. No entanto, ressaltam que “as tecnologias não asseguram a aprendizagem efetiva” (BRANSFORD, BROWN e COCKING (2007, p. 264), mas que esse tipo de ambiente auxilia o processo de aprendizagem).

Frente a essa defesa do uso das tecnologias móveis nos processo de ensino/aprendizagem é “imprescindível pensarmos em políticas de conexão que incluam, além das necessárias máquinas, o acesso à internet [...] com velocidade alta” (PRETTO, ASSIS,2008). O fato é que muitas vezes, o aluno tem a internet e a escola não. De acordo com Pretto e Bonilla (2015, p.502) é preciso também:

ultrapassar a ideia de uso das tecnologias como ferramenta de capacitação para o mercado de trabalho[...] ou então como meras ferramentas didáticas para continuar ensinando os mesmos conteúdos na escola, espaços onde normalmente é proibido o acesso a salas de bate-papo, jogos e redes sociais.

Nesse sentido, é papel do professor e da escola oferecer condições pedagógicas para que os alunos produzam, reflitam e dialoguem sobre o processo de ensino e aprendizagem numa perspectiva de uma educação de qualidade, na qual todos possam se desenvolver integralmente. Nesse processo, as práticas colaborativas e as tecnologias móveis buscam instrumentalizar os sujeitos históricos e dialoga em torno do processo formativo do aluno, ou seja, defende uma prática pedagógica cuja postura seja de uma reflexão da prática social,

considerando todo o contexto sócio cultural e histórico do aluno. Assim, a presença das TIC móveis cria condições para uma nova lógica no processo de ensino/aprendizagem ao buscar garantir a significação dos conhecimentos. Neste viés, a escola transforma-se em um espaço vivo de conexões, desconexões e, principalmente de incentivo à criatividade e autoria.

O grande desafio é transformar uma ação pedagógica em práticas colaborativas, para isso, é fundamental que professores e estudantes engajem-se em processos mútuos de aprender-ensinar. Para isso, é preciso superar a perspectiva de práticas que se restringem apenas à transmissão de conhecimento numa postura fechada. É preciso tempo e espaço para que os sujeitos da prática sejam, ao mesmo tempo, participantes e protagonistas dos fazeres. A colaboração propõe uma postura consciente e crítica, assim é preciso superar e transcender o senso comum; produzir novas relações com o saber e as produções advindas deste processo.

Partindo desse princípio, a escola é potencialmente o instrumento disseminador das práticas colaborativas, as quais devem fomentar processos para fortalecer a participação de todas as pessoas. Para isso, é fundamental a criação de um universo cultural coletivo, na perspectiva de construção conjunta, de buscar participação e a contribuição de todos. Dessa maneira, a escola, as salas de aulas podem romper com as amarras, as quais por ventura venham impedir o insucesso das práticas colaborativas compartilhadas, pois estes espaços possuem estruturas para fortalecer o trabalho humano coletivo. Comungo assim com as ideias de André (2005, p.14) quando defende que:

[...] a experiência humana é mediada pela interpretação, a qual não se dá de forma autônoma, mas à medida que o indivíduo interage com o outro. É por meio das interações sociais do indivíduo no seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, que vão sendo construídas as interpretações, os significados, ou a sua visão de realidade. Como se desenvolve essa visão é que constitui o objeto de investigação do interacionismo simbólico. Outro ponto importante nessa linha de pensamento é a concepção do self. O self é a visão de si mesma que cada pessoa vai criando a partir da interação com os outros. É, nesse sentido, uma construção social, pois o conceito que cada um vai criando sobre si mesmo depende de como ele interpreta as ações e os gestos que lhe são dirigidos pelos outros. Assim, a forma como cada um percebe a si mesmo é, em parte, função de como os outros o percebem.

Nunca se teve tanta necessidade de compreendermos as potencialidades da colaboração na escola como agora, uma vez que se acredita na interação, bem como na integração entre os sujeitos, que juntos produzem mais e melhor. Produzir coletivamente ganhou grandes significados. Assim, as práticas colaborativas, dialogicamente, criam caminhos que perpassam à condução das relações, não apenas na sociedade contemporânea, mas também, na educação. Assim, acredita-se que um dos pontos fortes, propulsor de práticas

colaborativas é a ideia de construir possibilidades para transcender o individualismo, o qual muitas vezes permeia as ações pedagógicas nos espaços escolares.

Partindo desse princípio, o acontecer do processo de ensino/aprendizagem a partir das práticas colaborativas acendem as ideias e possibilitam aos estudantes a autoria da construção do seu conhecimento, uma vez que estão interagindo com diversas experiências. Nesse percurso, ensinantes e aprendentes tornam-se protagonistas e aliados no processo de (re)construção dos saberes/fazer através da colaboração em pares. Acerca disso, Gebran (2018, p. 02) argumenta que:

A prática pedagógica colaborativa é uma estratégia de trabalho coletivo, na qual os envolvidos têm objetivos e valores comuns e colocam seus saberes individuais a serviço do grupo ou da comunidade de aprendizagem, pois há a possibilidade de beneficiar-se do apoio e da retroação de outros indivíduos durante este percurso de aprendizagem [...]

Vale ressaltar que as práticas colaborativas se transformam em um verdadeiro desafio para o professor, visto que, faz-se necessário habilidade e competência para organizar o trabalho, considerar os fatores históricos e culturais oriundos de uma sociedade individualista. Em conformidade com essas ideias Gebran (2018, p. 03) aponta a importância de “desencadear um processo de repensar a prática docente a partir de ações colaborativas num grupo com características de trabalho individualizado, visando à melhoria qualitativa no processo formativo dos alunos e dos docentes”. Proibir o *smartphone* é uma forma de sufocar toda a cultura digital presente no aluno, não desenvolver práticas colaborativas de compartilhamento (de informações, vídeos, músicas, documentários, poesias etc) é deixar o processo de ensino/aprendizagem limitado a conteúdos determinados pelo professor, de forma mecânica e autoritária, na qual o aluno não tem vez, nem voz.

Para Gonçalves (1995) apud Placco (2010, p.49) “a escola tem poucas possibilidades de cumprir sua função social se permanecer fechada às transformações de uma sociedade em permanente modificação”. Enfim, é preciso ousar na estratégia da mudança, da transformação da realidade, na esperança de que possa acontecer um trabalho coletivo e integrado aos atores escolares. Para que as práticas colaborativas aconteçam nos espaços educativos, faz-se um convite à mudança. Toda mudança implica necessariamente em uma transformação de um estado para outro: de *off-line* para *on-line*, de desconectado para conectado, de conteúdos vazios para conteúdos problematizados, de propostas educacionais excludentes para propostas inclusivas, planejamentos disciplinares em interdisciplinares, entre tantos.

Através do planejamento docente é possível propor mudanças significativas, promover espaços de reflexão, de trabalho coletivo, pois o planejar, “significa fazê-lo em

função de um projeto e projetar na perspectiva de uma visão de planejamento que você chama de dialógica” (PADILHA, p.14, 2002). Portanto, o trabalho pautado nas práticas colaborativas tendo o *smartphone* como elemento fundamente potencializa, a meu ver, a mudança de práticas pedagógicas extremamente fechadas no professor para práticas mais abertas ao aluno, nas quais eles estejam no centro do processo, como sujeitos ativos e construtores de seus conhecimentos.

2.2.1 O *smartphone* como elemento estruturante da prática colaborativa

O termo *smartphone* pertence “à língua inglesa e faz referência àquilo que, no nosso idioma, conhecemos como telefone inteligente” (OLIVEIRA, 2006, p. 05). Segundo esse mesmo autor, “trata-se de um telemóvel que oferece funções semelhantes às de um computador e que se destaca pela sua conectividade”. Nesta pesquisa, o conceito de *smartphone* vem associado às suas possibilidades de uso como elemento estruturante ⁷ da prática colaborativa no processo de ensino/aprendizagem, pois sua conectividade e mobilidade permitem que salas de aulas “fechadas” tornem-se espaços “abertos”, remodelando assim os espaços educativos contemporâneos.

Acredito, portanto que a presença das tecnologias móveis, especificamente do *smartphone* pode ser utilizada em sala de aula como um elemento estruturante (algo dinâmico, vivo então um mero recurso didático) que possibilite a transcendência da escola para além de seus muros. Para Saviani (2008, p. 15) a [...] “educação não está restrita ao ensino, vai além dos muros da escola e se apresenta como premissa para que o aluno assuma atitudes na vida, por isso a importância do “saber sistematizado” ser trabalhado nas escolas” [...]. Assim, a escola não pode isolar-se de um determinado fenômeno social e alienar-se nesse processo em suas práticas cotidianas.

Nesse sentido, o *smartphone* como elemento estruturante parte da premissa de que ele não é apenas um recurso didático, engessado, estático, mas algo dinâmico, para além de uma mera ferramenta pedagógica. É um dispositivo contemporâneo móvel e conectado, no qual o conhecimento é compartilhado, reformulado e recriado. Nesse viés, pensar a escola contemporânea é compreendê-la como uma instituição inserida ou vulnerável aos fenômenos das redes de comunicação móvel, cujos sujeitos são usuários desses meios.

⁷O uso do termo elemento estruturante é usado aqui no sentido de algo dinâmico que, rompa com uma concepção de uso apenas como ferramenta, instrumento, recurso ou mesmo suporte na reprodução de informação (CRUZ, 2018 Dissertação disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28910/1/Projeto%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o%20-%20Nelson%20Rodrigues%20da%20Cruz%20Junior.pdf>: Acesso em: 08) /04/2019.

Por esta razão, o uso do *smartphone* deverá ser objeto de estudo das práticas pedagógicas, uma vez que esse elemento estruturante é algo presente na realidade dos alunos e não faz sentido desconectá-lo na escola. O termo estruturante representa os fundamentos de uma prática, ou seja, o *smartphone*, junto a outras tecnologias móveis instituem-se como elementos estruturantes de territórios educativos, dinâmicos e abertos (BONILLA, 2002).

Embora, conectar o aluno nesses territórios não seja uma tarefa fácil, nem possível apenas no campo das ideias. É necessário pensar em investimentos financeiros e capacitação docente para desenvolvimento de práticas colaborativas que utilizem dispositivos móveis para produções diversas. Nesse sentido, as Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel da Unesco (2013, p 23) apontam os aparelhos móveis como facilitadores da aprendizagem, pois eles superam:

os limites entre a aprendizagem formal e a não formal. Ao utilizar um aparelho móvel, os estudantes podem facilmente acessar materiais suplementares, afim de esclarecer ideias introduzidas por um instrutor na sala de aula.

Por isso, diante das múltiplas possibilidades promovidas pela mobilidade dos dispositivos móveis *on/off-line* para além da sala de aula, insurgiu a necessidade de tratarmos das emergências/atualizações e sistematizações que podemos considerar como aspectos de suma relevância para o diagnóstico do objeto da pesquisa e o projeto de intervenção apresentado mais adiante.

Assim, faz-se necessário desvelar as possibilidades desta inovação tecnológica e desenvolver práticas colaborativas para (re)desenhar um trabalho que por muito tempo foi solitário/fragmentado. De tal modo, esse PI aponta o *smartphone* como um elemento estruturante da prática pedagógica colaborativa, pois o mesmo possibilita a articulação do conhecimento, seja *on-line* ou *off-line*. Para Fé (2012, p.33), “os *smartphones* são dispositivos que além de permitir a realização de ligações telefônicas, são capazes de instalar e executar aplicativos disponibilizados na internet”. Dessa forma, permitem poderes aos sujeitos, uma vez que têm o mundo ao seu redor através de um simples toque na tela. Nesse contexto, Silva A. (2015, p.06, grifo do autor) defende que:

O uso das tecnologias da informação e comunicação, em especial as tecnologias móveis, e dos ambientes digitais possibilita a produção colaborativa de conhecimentos, além de fomentar o protagonismo dos alunos nos processos de ensino e aprendizagem, em que buscam saberes para evoluir intelectualmente.

Neste sentido, o *smartphone* como dispositivo pedagógico é um possibilitador do protagonismo dos alunos, pois ele permite a evolução intelectual dos alunos no trabalho

colaborativo através de seus múltiplos recursos e aplicativos. Nesse viés, é pertinente entender como inserir pedagogicamente os recursos e/ou aplicativos do *smartphone* durante as aulas? Sugere-se que o professor utilize o *smartphone* tanto *on-line* como *off-line*.

O *online* permite maior interação e conectividade, fato este que apresenta mais dificuldade por parte dos professores, da estrutura da escola (pública) que em sua maioria não possuem internet banda larga. O mais comum (não é regra, mas é o fato mais observado) é que no processo de ensino e aprendizagem as/os estudantes utilizem o *smartphone off-line*. Um exemplo disso é o uso da câmara para registrar os momentos que consideram importantes no seu cotidiano, ora na sala de aula, ora fora dela, assim a calculadora, agenda, bloco de notas, edição de vídeos, ouvir músicas são ações presentes nos cenários da educação.

Compreender o uso do *smartphone* na sociedade e na escola, observando o modo como esse dispositivo vem se inserindo no cotidiano da juventude e refletindo sobre o seu papel no contexto escolar, sem desprezar o fato de que conflitos e antagonismos são necessários para produzir o conhecimento.

Mais que isso, nesse ambiente, tendem a predominar a integração, a articulação de ações em rede, dada a necessidade dos sujeitos de compartilharem conteúdos e articular novos conhecimentos aos que já possui. Assim, surgem as redes educativas que na concepção de Santos (2005, p. 150, grifo do autor) vai além dos espaços e lugares plurais repercutindo em:

modos de pensamento, uma vez que a construção do conhecimento é tecida em rede, a partir das aprendizagens construídas pela apropriação dos diversos artefatos culturais, tecnologias, interações sociais, entre outros. Aprendemos porque nos comunicamos, fazemos cultura e produzimos sentidos e significados. Enfim, significamos, com nossas redes intrapsicológicas, em interação constante com nossas múltiplas redes interpsicológicas, condicionadas pela cultura em suas multifacetadas relações.

Partindo do pressuposto que os saberes/fazeres são sistematizados na escola percebe-se a importância da inserção do uso das tecnologias móveis para facilitar o processo ensino/aprendizagem, justificada pelo encantamento das possibilidades interativas das/nas aulas entre os pares⁸ na comunidade escolar em um zoom local-global e vice versa. Esta mobilidade é impactante nas ações protagonistas na (re)construção das múltiplas interações do ser cidadã(o) nos distintos espaços vivenciados.

⁸*Os Pares: Professores, Alunos e o Uso do smartphone.*

3 TRILHANDO UM ITINERÁRIO METODOLÓGICO

Os estudos realizados a partir do Mestrado Profissional em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas fomentaram esta pesquisa, cujo objetivo é compreender o uso dos *smartphones* e suas possibilidades para implementar práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário transformar os espaços da escola, de modo que os conhecimentos individuais e coletivos sejam compartilhados.

A preferência do objeto de estudo – Práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem: o uso do *smartphone* no Colégio Municipal Odete Nunes Dourado de Irecê-Bahia – insurgiu das experiências/visitações nas escolas para levantar aspectos problemáticos a serem pesquisados sobre a utilização dos *smartphones* em sala de aula, a ponto de gerar um projeto de intervenção. Sendo assim, foram meses estudando a “Região de Inquérito” (MACEDO, 2004), em decorrência dos conflitos entre os professores e estudantes que culmina na proibição do uso deste dispositivo na sala de aula – PORTARIA N° 01/2015⁹, em anexo.

Partindo desse pressuposto, a escolha em especial dos estudantes do 9º ano foi uma consequência dos conflitos entre ensinante/aprendentes, das múltiplas reclamações que presenciei nas minhas itinerâncias e especificamente, dos colegas professores/as (durante a minha gestão 2013/2014 no Odete) sobre a dificuldade de controlar o uso dessa tecnologia móvel, principalmente por este público do seguimento supracitado. Em decorrência dessas situações surgiu o problema: Como inserir o uso do *smartphone* na sala de aula e possibilitar as práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem nos Anos Finais do ensino fundamental, nas turmas do 9º ano no colégio municipal Odete Nunes Dourado de Irecê-Bahia?

Neste contexto, é importante frisar que o Ensino Fundamental é uma modalidade da Educação Básica dividida em Anos Iniciais (6º a 9º ou 1º e 2º ciclo) e Anos Finais (6º ao 9º ano ou também 3º e 4º ciclo) inicia-se aos 06 (seis) anos de idade e vai até os 14(quatorze) anos. Ele pode ser oferecido também na modalidade EJA. O Ensino Fundamental tem seus princípios legais estabelecidos na Lei De diretrizes e Bases da Educação- LDB 9.394/1996, sendo de responsabilidade total dos municípios, no qual estes devem zelar por alguns objetivos, a saber:

[..]II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

⁹PORTARIA N° 01/2015 – “Proíbe a utilização de celulares, equipamentos eletrônicos e similares em sala de aula e dá outras providências”.

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;[...]
(BRASIL, 1996 grifo do autor).

Adentrar no cotidiano do Colégio Odete Nunes Dourado exigiu de mim enquanto pesquisador uma suspensão, bem como sensibilidade e, rigor para compreender e interpretar os resultados dos fenômenos estudados. Nesse sentido, utilizo a fenomenologia sob o olhar de Husserl (1859-1938), esse conhecimento está acentuado no campo das ciências sociais e humanas e foge dos padrões únicos de interpretações dos objetos pesquisados. O método vem florescer das indagações, uma vez que coloca em xeque o próprio conhecimento a partir do que se tem, do que se busca e do encontrado. Diante disso, encontra-se uma compreensão apenas dos mesmos.

Desse modo, a fenomenologia vem (des)velar as cenas de uma consciência que transcende a partir das realidades fotografadas ou não. Assim é:

A unidade entre o ato de conhecer e o objeto que é conhecido encontra na fenomenologia, na ciência do fenômeno, isto é, da consciência enquanto manifestação de si mesma e das significações objetivas, a possibilidade de instauração da “filosófica como uma ciência rigorosa”. Assim, a descrição do vivido, dos atos intencionais da consciência e das essências que eles visam, isto é, dos correlatos intencionais – enfim, a disciplina que poderá fundamentar a lógica – é a fenomenologia (HUSSERL, 2000, p.8).

Ao refletir a fenomenologia surge logo uma eliminação dos possíveis fenômenos supostamente conhecidos, ou seja, sem ideias prévias. Disso surge a necessidade do pesquisador se suspender das crenças do senso comum e/ou de qualquer outra, pois tudo presente neste mundo deve ser interrogado, uma vez que a consciência humana não pode ser reduzida.

Diante as indagações permitidas a partir da fenomenologia o trabalho desenvolvido é de cunho qualitativo, sob uma perspectiva de pesquisa em que o conjunto das ações permitam o desvelar do problema e possibilite o tecer de uma proposta de intervenção. Dessa forma, nesta pesquisa sobressai o olhar qualitativo, uma vez que existem diferentes caminhos a serem percorridos pelo pesquisador no campo, para analisar e compreender a dinâmica do fenômeno, considerando a imaginação e criatividade para dialogar com a investigação. Vale salientar que não é uma ação simples, pois Sá (2004, p.60) afirma que:

[...] o pesquisador é chamado a construir conhecimento, ter atitude, lançar olhar que permita trazer elementos qualificadores. A metodologia de cunho fenomenológica descreve estruturas gerais de

sentido, não o sentido particular de quem aborda a realidade, mas os sentidos construídos pelos sujeitos que constituem essa realidade.

Portanto a fenomenologia permite a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, pois, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave na descrição fenomenológica, uma vez que são básicas no processo da pesquisa qualitativa.

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto defensivo de um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, dessa maneira pressupõe uma metodologia própria. Assim, a pesquisa qualitativa recusa o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1999, p. 34).

A investigação realizada no âmbito desse curso de pós-graduação buscou fazer uma leitura da realidade específica da escola por meio de uma abordagem qualitativa. Por meio da observação foram sistematizados registros dos principais acontecimentos relacionados ao tema, no período de 2016 a 2018. Também foram sistematizadas informações oriundas dos grupos focais ¹⁰que reuniram professores e alunos da escola.

As entrevistas abertas e questionários semi-estruturados ajudaram a revelar a percepção desses sujeitos quanto ao uso do *smartphone* na sala de aula e suas possibilidades interativas para as possíveis práticas colaborativas no processo de ensino e aprendizagem. Os dados e teorias precisam ter uma relação dinâmica, uma vez que permite desafios para ampliar a teoria, cuja noção de linguagem de descrição serve também para descrever a relação dinâmica entre teorias e dados empíricos.

Para elaborar as intenções interventivas no presente trabalho, foi fundamental considerar o protagonismo dos alunos e professores na (re) construção de saberes colaborativos, compreendidos não como meros consumidores de informação e conhecimento.

¹⁰ ¹⁰ A noção de grupos focais está apoiada no desenvolvimento das entrevistas grupais (Bogardus, 1926; Lazarsfeld, 1972). A diferença recai no papel do entrevistador e no tipo de abordagem. O entrevistador grupai exerce um papel mais diretivo no grupo, pois sua relação é, a rigor, diádica, ou seja, com cada membro. Ao contrário, o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema. Os entrevistadores de grupo pretendem ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas; sendo assim, o seu nível de análise é o indivíduo no grupo. A unidade de análise do grupo focal, no entanto, é o próprio grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo (GONDIM, 2003 p. 151). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>; Acesso em 10.05.2019.

Assim sendo, enquanto pesquisador busquei identificar na realidade encontrada no Colégio Odete, através dos registros dos acontecimentos no cenário, dos depoimentos nos grupos focais, das entrevistas abertas e questionários semi-estruturados, a percepção dos sujeitos quanto ao uso do *smartphone* na sala de aula e suas possibilidades interativas para as possíveis práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizado.

Durante este caminhar foi possível refletir sobre a produção desta escrita e, assim continuar a interrogar os sujeitos da pesquisa e contextualizar tais realidades. Esse movimento permitiu diminuir a minha implicação com o objeto pesquisado para apreender os fenômenos, com o objetivo de romper com as afirmações preconcebidas, uma vez que os gestos, o pensar, o agir, as (re)ações compõem a respectiva hermenêutica.

3.1 O CENÁRIO DA PESQUISA

A Escola Municipal Odete Nunes Dourado, está localizada na Praça da Bíblia, Bairro Fundação Bradesco, na cidade de Irecê-BA, foi fundada em 1979, porém sua autorização só saiu no Diário Oficial - DO de 30/11/1984 – Parecer 029/84. A instituição é referência para as demais Unidades de Ensino do Município de Irecê, em decorrência de sua dimensão física e do quantitativo de pessoas pertencentes a esta comunidade escolar. Esta unidade escolar é considerada de grande porte porque convive nesse espaço quase 1.300 pessoas (considerando os/as estudantes, corpo docente e demais profissionais).

Atualmente o “Colégio Odete”, termo utilizado pela população ireceense, funciona com 16 turmas no matutino (cinco turmas de 6º ano, seis turmas de 7º ano e duas de 9º ano) e 17 no vespertino (cinco turmas de 6º ano, cinco turmas de 7º anos e três de 9º ano), o número de estudantes é de 36 a 40 pessoas por turma. Este público é constituído pelas faixas etárias dos 12 aos 16 anos, representa aproximadamente 10% da nossa rede municipal de ensino. A grande maioria dos estudantes que frequentam este espaço escolar, possuem uma complexa adversidade socioeconômica, são habitantes da periferia ireceense e vulneráveis à marginalidade.

A seguir alguns registros dos espaços do Colégio.

Figura 1 -Entrada do Colégio, sendo à esquerda a quadra poliesportiva e à direita área destinada a um campo de futebol.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2- Quadra poliesportiva, cenário de oficinas e práticas poliesportivas.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 - Pátio externo



Fonte: Acervo pessoal.

O pátio é próximo ao depósito de materiais esportivos, à biblioteca, ao laboratório de informática, às salas de Atendimento aos Alunos com Necessidades Especiais. Esta área é normalmente utilizada pelos professores para as atividades lúdicas. No pátio e na quadra poliesportiva costumeiramente vêem-se alunos/as sentados conversando, rindo e passando um celular de mão em mão. À sombra das grandes algarobas que rodeiam a escola, eles também compartilham *selfies*, outros usam fones, ouvindo e gingando o corpo. O *smartphone* é um elemento presente na vida do aluno, a escola precisa fazer bom uso dessa realidade.

Figura 4 – Auditório

O mesmo possui capacidade para 100 pessoas, Este espaço normalmente é utilizado para apresentações de trabalhos, cinema teatro, reuniões e os eventos dentre outras atividades.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 - Pátio interno



Fonte: Acervo Pessoal.

O pátio interno é rodeado por 18 salas de aula, a cantina, a secretaria, salas da vice e da direção, pelos banheiros das alunas e dos alunos, pelo laboratório de ciências e a sala do almoxarifado e Recursos audiovisuais. A escola possui também uma sala para planejamento,

uma sala para os professores, uma sala para a equipe de coordenação pedagógica, um closet e uma sala para auxiliares de serviços gerais. Esta Unidade Escolar está sob os olhares de seis inspetores, três coordenadoras, um gestor e dois vices, cinco auxiliares de secretaria, seis merendeiras, oito auxiliares de serviços gerais e 60 professores/as. Visto as imagens e os principais aspectos da “região de inquérito”, é importante ressaltar que embora precise de algumas reformas pontuais (a exemplo do piso das salas, manutenção dos equipamentos de ar condicionado etc), o espaço físico atende à demanda estudantil, por ser amplo e possibilitar a diversificação das práticas de ensino/aprendizagem.

3.2 O GRUPO FOCAL E OS SUJEITOS DA/NA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa e as respectivas identificações estão explicitados no texto para melhor compreensão do lócus e sua realidade. A produção de dados se deu, a partir da observação assistemática da interação dos sujeitos no cenário, por três grupos focais (GF1-GF2 E GF3), entrevistas abertas¹¹ e questionários semi-estruturados. Nesse sentido, foi essencial interagir com os sujeitos do campo de pesquisa para entender o significado do uso do *smartphone* na escola.

Os sujeitos da pesquisa dividiram-se em duas categorias: professores e alunos. Entre os professores 07(sete) são do Colégio Odete e 05 (cinco) são mestres da Rede municipal de ensino de Irecê. Do grupo dos docentes, 02(dois) deles são licenciadas em geografia. A título de preservação da identidade, chamo-os no corpo do texto de Professor G e a Professora G. Para fins didáticos, escolhi a primeira letra da área que lecionam. Para o componente curricular - história, outros 02 (dois) representantes, o Professor H e a Professora H; seguindo essa organização, 01 (um) Professor F, licenciado em filosofia; uma Professora M, licenciada em matemática e a Pedagoga Iêda Marques. A coleta de dados dos professores da escola e dos professores mestres da Rede Municipal de Irecê foi organizada através do Grupo Focal (GF1).

Em relação aos alunos foram escolhidos 10 para participarem do Grupo Focal (GF2) com questionário e entrevista aberta, 05 meninas e 05 meninos. As meninas são identificadas como alunas A, C, E, R e T e os 05(cinco alunos) nomeados por: Ex: GB, GU, KS e RS. A escolha pelas letras representam a inicial do nome das meninas e dos meninos - nome e sobrenome. Além desses 10 alunos, outros 40 (quarenta) participarem através de um

¹¹As entrevistas abertas foram pontuais, o foco foi o Projeto RIPE e suas produções.

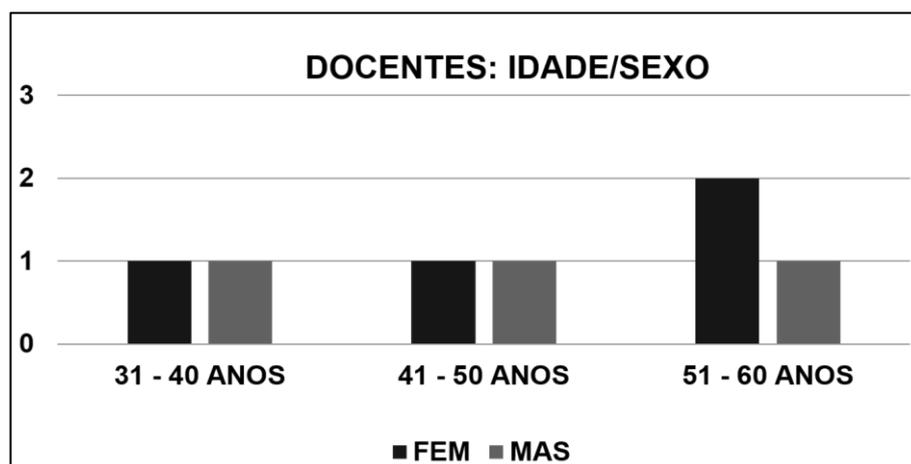
preenchimento online do questionário estruturado via Google forms¹² por meio do aplicativo Whatsapp, através de um link compartilhado. No total foram 50 alunos e 11 professores, 61 pessoas. Dos 40 alunos, 25(vinte e cinco) do sexo feminino e 15 (quinze) do sexo masculino.

Para fundamentar ainda mais a pesquisa com suas ricas opiniões, fiz o convite a cinco Mestres em Educação que vivenciaram o Projeto RIPE, os quais cito os nomes verdadeiros: o Professor Nelson Rodrigues, licenciado em sociologia, atualmente é Coordenador do Ponto de Cultura; o Coordenador Pedagógico da Escola Municipal Luiz Viana Filho, Jefferson Maciel, o Coordenador Pedagógico Osvaldo Rocha e a Diretora Pedagógica, Jucileide Pereira, ambos da Escola José Francisco Nunes.

Os grupos focais (entrevistas grupais) GF1 e GF2 foram organizados em três (03) momentos: O primeiro consistiu na apresentação do tema da pesquisa; o segundo na discussão dos temas relacionando às vivências/experimentações, desafios e, possibilidades e o terceiro apontou conclusões e sugestões para o projeto de intervenção.

O GF3 esteve estruturado também em três momentos, entretanto, discutimos intensamente o Projeto RIPE e sua influência nesta pesquisa e no Projeto de Intervenção. Em relação ao Grupo Focal- O GF1, os professores participantes são licenciados em geografia, história e filosofia; três professoras licenciadas em geografia, história e, matemática e uma pedagoga (também pesquisadora). As faixas etárias desse grupo estão representados no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1: Docentes por idade/sexo



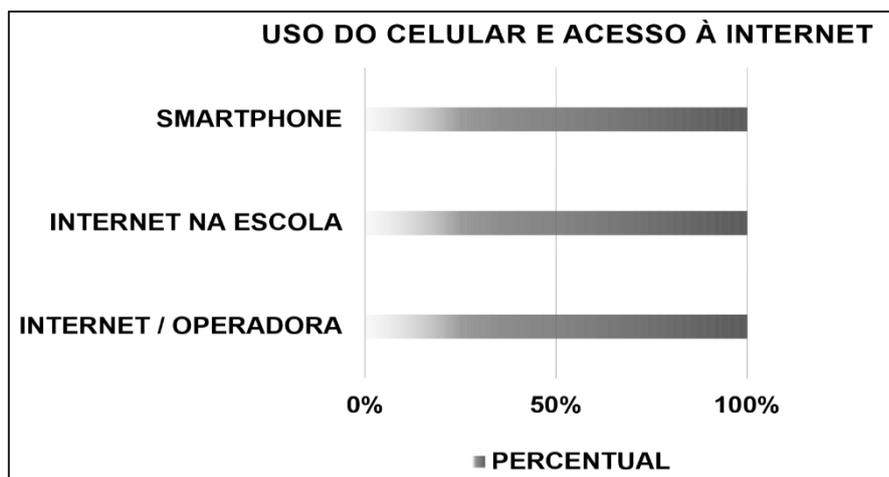
¹² Google Forms, um instrumento disponível no Google Drive que tem por objetivo facilitar a criação de formulários e questionários diversos (MATHIAS; SAKAI, 2013).

A escolha dos docentes ocorreu pela disponibilidade e espontaneidade à pesquisa, exceto duas pessoas, a pedagoga, além de pesquisadora, já fez parte do quadro da equipe do Colégio Odete. A outra exceção foi o Professor G, pois este tem se destacado nos últimos quatro anos¹³ pelo protagonismo no uso das tecnologias móveis, na produção dos distintos saberes geográficos. Outro fator pra escolha é que estes dois professores são conhecedores das transformações espaciais e metodológicas do lócus da pesquisa. Considerei importante a vivência do professor G, pois precisava compreender os desafios enfrentados e seus resultados gerados a partir destes. Para ele:

A nossa equipe de professores aqui no Colégio Odete é excelente, entretanto, temos dificuldades na prática colaborativa, por um lado a falta de tempo e espaço para discussão e sistematização dessa práxis; em relação ao uso do smartphone, falta o domínio das possibilidades que este dispositivo pode oferecer para ser usado pedagogicamente, creio na necessidade de uma qualificação para ambas as situações. (Depoimento do Professor G do Colégio Odete-2018)

O depoimento em destaque reflete o consenso entre os sujeitos durante o GF1 em relação às dificuldades enfrentadas quanto ao uso do *smartphone* na escola. Aqui tento demonstrar para o leitor como foi efetivado cada um desses movimentos. Vejamos a seguir as respostas das/dos docentes quanto ao uso do celular e acesso a internet:

Gráfico 2: Uso do celular e acesso a internet



O gráfico retrata a tabulação do diálogo/respostas do questionário entre as pessoas do GF1, referente aos questionamentos: Você possui smartphone? Conecta seu dispositivo à

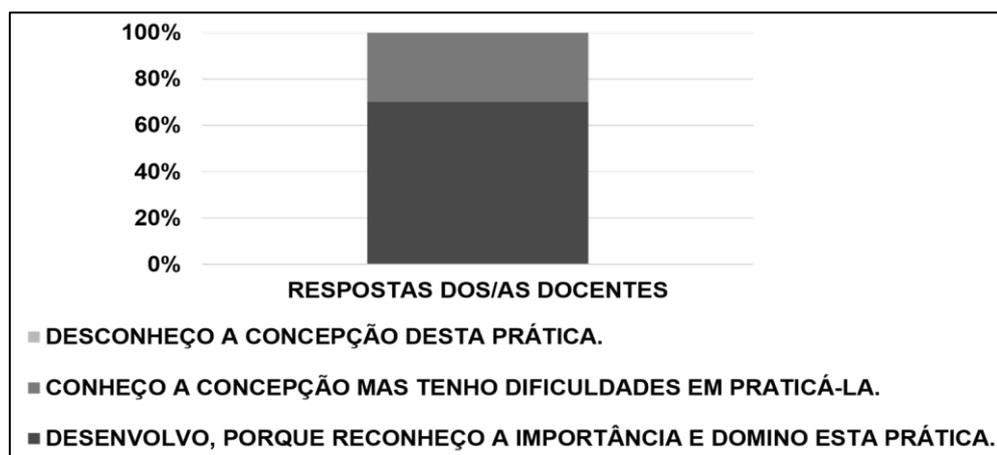
¹³Período que tenho observado o professor e constatado a determinação e abertura às atualizações tecnológicas, sempre em busca da inovação da sua práxis.

internet do/no Colégio? Você usa alguma operadora para conectar-se à internet fora do espaço escolar? Todas possuem o dispositivo, conectam-se à internet do/no Colégio embora tenham dificuldades às vezes, em decorrência da velocidade disponível que nem sempre atende à demanda e possuem pacote de internet via operadora o que possibilita à conectividade móvel em outros locais. “*O meu smartphone e a internet, eu considero como se fosse uma peça íntima no meu dia a dia*” afirmou a professora H. Diante da influência desse dispositivo no cotidiano das pessoas – seja no ambiente escolar ou para além deste –, compartilhada nas discussões e em outros estudos, o GF1 elencou algumas possibilidades citadas abaixo:

- Acesso à Internet para pesquisa e estudo em sites, livros e apostilas digitais;
- Acesso aos ambientes virtuais, para resolver exercícios e/ou avaliações online, consultar materiais disponíveis etc.;
- O uso de aplicativos para tirar fotos, fazer anotações, gravações, edição de vídeos etc.;
- Construção e edição de textos online, debate de ideias, compartilhamento de arquivos e saberes diversos.

Para os docentes os dois principais desafios às possibilidades elencadas são: a distração dos discentes principalmente em relação às redes sociais, os quais estão conectados o tempo todo e o acesso à internet na/da escola. “Teríamos que ter disponível pelo menos 12MB/s, entretanto, temos aproximadamente 6MB/s, isso sem falar na oscilação para menos”, relatou a Professora H. Na seqüência da discussão, quanto aos fazeres e aos saberes no que tange às práticas desenvolvidas na escola responderam ao questionamento: Você considera a sua *Prática Colaborativa*?

Gráfico 3: Resposta dos professores se consideram suas Práticas Colaborativas.



Todas participantes do GF1 são conhecedoras da *Prática Colaborativa*, entretanto 30% tem dificuldade em praticá-la, alegaram como dificuldades/desafios: “Falta tempo pra

gente sistematizar e compartilhar; nem todos as/os colegas compreendem a importância e/ou se disponibilizam à colaboração” afirmou o Professor F. Para o Professor G representante dos 70% que desenvolve a prática colaborativa:

“É preciso institucionalizar essa práxis, logicamente com um suporte técnico pedagógico, onde todo o corpo docente tenha a qualificação necessária. Essa aproximação nossa, compartilhando as experiências e as possibilidades é importante para a inovação da nossa prática. Nós que buscamos desenvolver projetos e ações colaborativas, sentimos na pele, as dificuldades decorrentes de muitas percepções tradicionais”.

Para esse mesmo professor, os smartphones oferecem múltiplas possibilidades e oferecem resultados inesperados. A seguir ele descreve uma situação na qual esse elemento estruturante foi fundamental para o bom andamento da aprendizagem escolar:

Só pra ter uma ideia das múltiplas possibilidades, no início do ano letivo não tínhamos livros didáticos que atendessem à demanda dos estudantes do 9º ano. Pedi às pessoas que não receberam, para formarem duplas com quem recebeu e, fotografar e/ou escanear as atividades. Vejam, uma ação simples que garantia o cumprimento das atividades, acabou por promover uma prática colaborativa, porque eles mesmos formaram grupos no WhatsApp e daí, estes e outros compartilhamentos surgiram. Resolvi meu problema e alcancei resultados inesperados, uma nova dinâmica para minhas aulas, enquanto isso muitos colegas descabelavam-se pela falta do livro. (Relato do Professor G, Colégio Odete - 2017)

Os gráficos e relatos/depoimentos vem coadunar com a necessidade de buscar alternativas para fazer a diferença em sala de aula, para tanto, os professores afirmam a importância não só de conhecer, mas de apropriar-se das tecnologias móveis e suas possibilidades, quanto, à prática colaborativa no processo de ensino/aprendizagem. Entre alunos e as TIC, há uma linguagem específica do/no cotidiano deles. Imaginemos nós professores também dialogando nesse mesmo contexto? A possibilidade da comunicação, da compreensão e da interação, nessa diversidade de percepção dos espaços/tempo vivenciados tendem a *colaborar* na mediação do/no ensino e da/na aprendizagem.

Para tanto, ainda se faz necessário e prioritário que nós professores nos aproximemos mais das TIC, em especial das tecnologias móveis. No caminhar, muitas vezes consideramos no marco zero da caminhada. Nas minhas andanças pelas escolas de Irecê, como coordenador técnico do Programa Mais Educação, professor e gestor pude perceber que existe um grande percentual de colegas sem domínio até em um simples programa para *download*. Destarte, há uma grande dificuldade até mesmo em potencializar o uso dos aplicativos e funções de seus aparelhos. Nesse sentido, a aprendizagem do professor passa por um processo de atualização

na apropriação das tecnologias móveis de forma contínua e interativa. Acerca desse apontamento os autores abaixo argumentam que:

O aprendizado contínuo e interativo no processo de inovação deve ser intensificado criando-se uma capacitação adequada por meio do ensino constante para que se possa compreender e promover mudanças. A interação para a troca de informações, conhecimento codificado e tácito e a realização de atividades complementares entre eles facilitam então este processo de forma completa. (SOARES E ALVES, 2018, p. 04)

Nesse sentido, tanto professores como alunos passam a vivenciar um novo tipo de aprendizagem, conceituada como aprendizagem móvel. Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)¹⁴ a aprendizagem móvel está diretamente ligada ao:

... uso de tecnologias móveis, isoladamente ou em combinação com outras tecnologias de informação e comunicação (TIC), a fim de permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. A aprendizagem pode ocorrer de várias formas: as pessoas podem usar aparelhos móveis para acessar recursos educacionais, conectar-se a outras pessoas ou criar conteúdos, dentro ou fora da sala de aula. A aprendizagem móvel também abrange esforços em apoio a metas educacionais amplas, como a administração eficaz de sistemas escolares e a melhor comunicação entre escolas e famílias (UNESCO, 2017, p. 06).

Compreendendo a importância da aprendizagem móvel, da inovação por meio do uso dos *smartphone* como elemento estruturante de uma prática colaborativa a ser construída pela comunidade escolar, especificamente por professores e alunos. Por isso, o próximo item analisa as falas destes sujeitos e suas implicações em relação a temática.

3.2.1 A voz dos alunos: o *smartphone* e o protagonismo

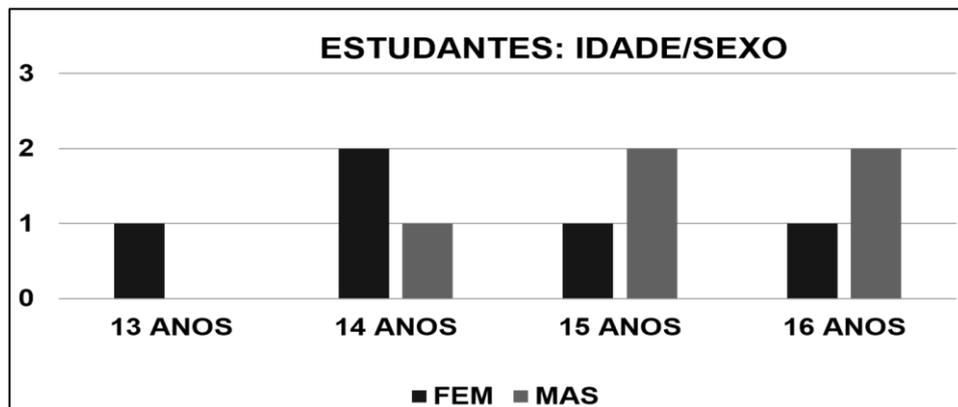
A transformação da realidade educacional perpassa o desejo de enfrentar o desafio de dar voz ao aluno, entendendo pra quem é a mudança, para onde elas se dirigem e quais resultados esperam. Nesse contexto, toda mudança deve ser pensada com o propósito de tornar a escola, professores e alunos protagonistas da construção de uma sociedade inclusiva. Somente a partir da colaboração dos alunos e do que pensam a respeito de determinada questão é possível caminhar para respostas mais acertadas sobre o uso das tecnologias móveis na escola.

¹⁴ Pesquisas desenvolvidas em consulta com especialistas em mais de 20 países, para formular: **Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel**. Essas diretrizes têm ampla aplicação e podem se ajustar a um vasto leque de instituições, incluindo pré-escolas, escolas fundamentais e médias, universidades, centros comunitários, e escolas técnicas e vocacionais.

Os alunos/as da nossa rede pública, em sua maioria representa as comunidades de baixa renda, a qual sobrevive com um salário mínimo¹⁵, motivo que leva estes adolescentes a ingressarem – quando há oportunidade – no mercado de trabalho para complementar a renda familiar, seja, às vezes, com os pais no setor terciário informal ou em pequenas empresas que, normalmente não concedem os direitos trabalhistas integralmente, mesmo diante das dificuldades financeiras, há o acesso tão desejado ao bem de consumo, o *smartphone* e em larga escala.

Neste bloco, analiso os resultados do Grupo Focal 2- GF2, este foi formado por cinco alunas e cinco alunos, de faixas etárias distintas entre 13 e 16 anos e com a participação da Pedagoga Ieda Marques. O referido grupo foi constituído considerando o equilíbrio entre os sexos. O gráfico a seguir retrata essa divisão:

Gráfico 3: Estudantes: Idade/Sexo



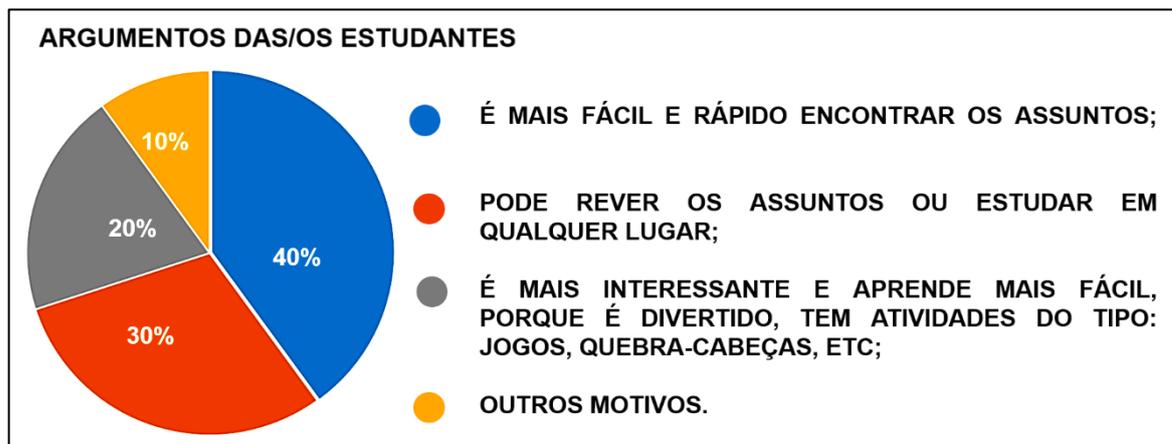
A seleção dos estudantes foi mediada pelo o Professor G. Estes alunos foram convidadas/os a participarem do grupo focal - GF de acordo o interesse e a disponibilidade no momento. A reunião aconteceu no pátio externo sob as imensas algarobas. Na primeira observação ficou explícito que 100% possuíam *smartphone*, pois acessavam o dispositivo no momento do convite. O roteiro utilizado foi semelhante ao GF1, em uma linguagem didática, próxima à do grupo. Ao conversarmos sobre a importância do *smartphone*, o depoimento a seguir demonstra o que ele representa para o nosso aluno da escola pública:

Sabe, hoje não consigo viver sem um celular, com ele consigo a partir das informações construir conhecimento e ainda arrumar um dinheirinho divulgando o meu trabalho para ajudar nas despesas em casa (Aluno EX do 9º ano do Colégio Odete-2018)

¹⁵Durante o diálogo no grupo focal – GF2, as/os estudantes afirmaram que a renda familiar correspondia a 01 salário mínimo.

A próxima pergunta já tinha uma resposta óbvia, mas a título de tabulação de dados ela foi necessária: Vocês concordam com a proibição do uso do *smartphone* na sala de aula? A resposta foi de imediato e unânime, “não!” Questionei, por quê? Solicitei a organização das falas, pois estava gravando na minha memória e na do meu *smartphone*. Foram vários argumentos, dentre eles estão a seguir representados em percentual no gráfico conforme a frequência em que foram citados.

Gráfico 4: Argumento dos(as) estudantes sobre o uso do *smartphone* na sala de aula



Para a maioria prevalece a facilidade e a rapidez do/no acesso aos saberes, seguido da mobilidade e da interatividade lúdica. A saber por exemplo, o grupo deixou claro que em relação à leitura tradicional (impressa) à leitura digital, o maior índice de preferência ocorre para esta última com 70%, em decorrência da atratividade, interatividade da leitura e a possibilidade de ler em qualquer lugar. “*Eu prefiro estudar no meu celular, já encontrei muita coisa interessante sobre assuntos de algumas matérias que nem tem no livro e poderia ser utilizado nas aulas, a gente usando o celular*”, afirmou aluna E. Através dessa fala é possível perceber o protagonismo do aluno em querer ir além e estudar com qualidade, sendo sujeito de sua autoformação. Para provocar ainda mais os saberes a mestre pedagoga indagou: “*O que vocês sentem ao usar o celular?*” (Iêda Marques) ao que a aluna responde:

Não sei vocês, mas eu me sinto feliz como uma criança descobrindo o mundo, são tantas informações úteis, mas é preciso cuidado! Sabe, tem hora que escuto as pessoas dizendo que a gente não interage mais, mas isso aqui é o que mesmo? Só por que eu fico mexendo, buscando coisas novas?
(Depoimento da Aluna R do 9º ano do Colégio Odete - 2018)

Nesse contexto, observa-se claramente que a aluna exerce posicionamento crítico, ela protagoniza sua aprendizagem móvel. Considerando o bom uso que a aluna faz do *smartphone*, surge uma reflexão provocada no GF.

[...]“o negócio é lembrar-se do que Nelson Pretto chama de ‘futucar’, não seria cutucar, ou seja, mexer em algo para que esse se movimentasse? A ideia é essa mesma, precisa deixar de lado o óbvio, aquilo que só se aprende se tiver um ‘ensinador’”[...]

[..]Muitas pessoas quando pega pela primeira vez um *smartphone* pergunta como mexer, outros mexem para depois perguntar já dando uma resposta sobre as funções e/ou aplicativos. Dessa maneira, é notável que muitas pessoas ainda acham relevante possuir o contato, manuseio, ou alguém que sirva de referência quanto ao uso das novas tecnologias, percepção semelhante às que defendem os/as estudantes, os quais não tem um incentivo à leitura, nem convivem com leitores ou contato com os livros em casa, apresentam dificuldades em produção leitora. (Depoimento oral da Iêda Marques, 2018)

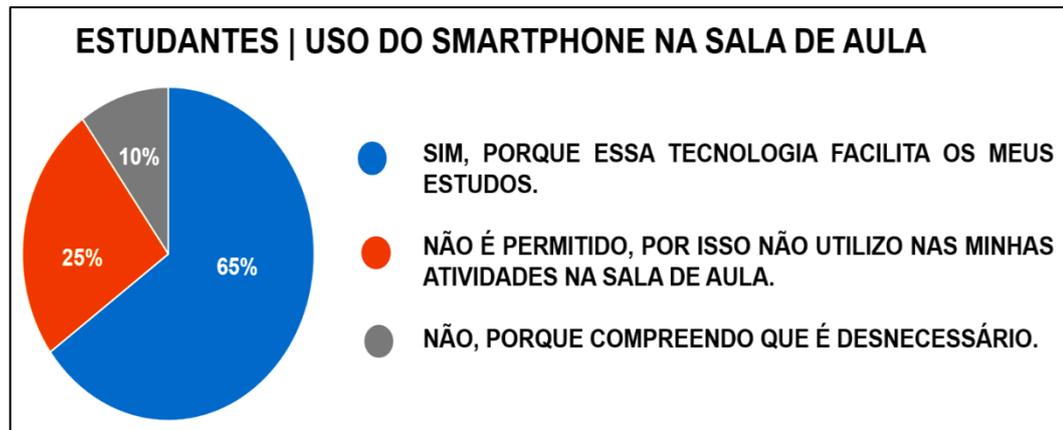
A percepção da Pedagoga, foi constatada durante o GF2, quando as/os estudantes afirmaram que não recorrem ao manual de instrução para a apropriação das funcionalidades de seus aparelhos, a todo momento “futucam” os celulares e em um curto período de tempo se familiarizam com os aplicativos e/ou funções. Segundo o Aluno GB, “*sempre há alguma coisa nova pra gente aprender mexendo no celular, é mais divertido que a leitura cansativa do manual*”.

No decorrer da discussão foi consensual que no convívio familiar, assumem a condição de ensinantes/protagonistas no manuseio dos dispositivos, compartilhando as possibilidades que o *smartphone* oferece, tais como: usar *WhatsApp*, tirar/compartilhar fotos, fazer e receber chamadas etc. Acerca dessa multifuncionalidade do dispositivo, a aluna diz que:

Eu mexo em tudo no celular, algumas coisas descubro sozinha, outras pesquiso na internet, raras as vezes que solicito ajuda aos colegas, tenho autonomia sobre o meu aparelho, pois sei que existem muitas funções, lá em casa meus pais e irmãos não sabiam mexer, tive que ajudá-los a usarem alguns aplicativos. (Relato da Aluna T do 9º ano do Colégio Odete-2018)

Não dá pra ignorar o *smartphone* e proibir como se fosse um “bicho de sete cabeças” é preciso dar voz aos estudantes para que juntos aos professores construam práticas colaborativas e compartilháveis. Nesse sentido, quanto ao uso desse dispositivo, a resposta ao questionamento: Você já desenvolveu e/ou desenvolve alguma ATIVIDADE a partir do uso do *Smartphone* na sala de aula vem organizado no gráfico abaixo:

Gráfico 5: Estudantes e o uso do smartphone na sala de aula



Os resultados expressos no gráfico demonstram que as respostas obtidas no GF2 e no questionário semi-estruturado (respondido pelos 50 estudantes). Apesar da proibição, a maioria usa o smartphone na sala por facilitar o ensino/aprendizagem. De acordo com os relatos da Aluna E, “... na maioria das vezes temos a permissão dos professores, alguns incentivam a pesquisar no celular, a exemplo do nosso professor de Geografia, as aulas ficam mais animadas”; “... outras vezes, usamos escondido” afirmou o Aluno KS. 25% preferem seguir a norma escolar.

Para o Aluno RS, seguir a norma é evitar a distração com outros assuntos que tire o foco da sua aprendizagem e evitar problemas com os professores e a direção do Colégio. Entretanto, concordam que às vezes o ensino/aprendizagem torna-se mais fácil a partir do compartilhamento dos saberes entre eles, “... criamos um grupo de WhatsApp, para tirarmos dúvidas das aulas ou trocarmos informações, tipo, respostas de questões das atividades ou fazer trabalhos em grupo” afirmou o Aluno GU.

Os relatos do GF2 revelaram que a prática colaborativa na comunidade estudantil acontece mesmo sem uma sistematização e/ou influência docente, ela flui naturalmente em decorrência das possibilidades oferecidas pelo dispositivo móvel. Das 50 pessoas pesquisadas, 100% afirmam ser importante uma qualificação para o uso das tecnologias móveis para o processo de ensino/aprendizagem, dentre outras possibilidades; destas, apenas 5% não tem interesse em participar, mesmo reconhecendo a relevância da formação.

Quanto à internet, todas as pessoas pesquisadas confirmaram e lamentaram não ter acesso ao provedor do/no Colégio Odete. Em uma das entrevistas abertas, um aluno que pediu para não ser identificado, afirmou, que às vezes consegue hackear a senha de wi-fi, mas logo ela é mudada, gostaria que pelo menos durante o intervalo pudessem acessar para economizar “os bônus” ofertados pelas operadoras.

Considerando os resultados dos grupos focais 1 e 2, temos de um lado as/os docentes de uma geração da era analógica em alfabetização às novas TIC e do outro as/os discentes nascidos na era digital, familiarizados às atualizações tecnológicas. Acerca disso, um professor aponta a seguinte realidade:

Temos colegas com muitas dificuldades no uso das tecnologias móveis e na compreensão de um trabalho colaborativo em prol o ensino/aprendizagem. É preciso, principalmente nós docentes termos a consciência da apropriação da tecnologias móveis para interagirmos entre nós e com os discentes em uma linguagem atualizada. (Professor G do Colégio Odete-2018)

Fica evidente a concordância entre os professores no que refere aos entraves quanto às possibilidades de uso do *smartphone* na sala de aula. Um dos obstáculos é dificuldade em controlar a dispersão dos discentes quanto ao uso do dispositivo para fins pedagógicos e a falta/insuficiência de acesso à internet do/no Colégio Odete. Para fins de novas possibilidades, emerge a necessidade de protagonizar a aprendizagem dos alunos, qualificar a equipe de professores, ampliar a oferta de internet em banda larga, sistematizar e institucionalizar a prática colaborativa a partir do uso do *smartphone* no processo ensino/aprendizagem.

3.2.2 Projeto Rede de Intercâmbio e Produção Educativa – RIPE e a defesa do *smartphone* como elemento estruturante das/nas práticas colaborativas

O Grupo Focal 3 foi realizado na casa do Professor Nelson Rodrigues, o qual agradeço pela receptividade e às demais participações colaborativas¹⁶ dos professores Jefferson Maciel, Osvaldo Rocha e Jucileide Pereira. Esta equipe foi formada por pessoas que vivenciaram a Rede de Intercâmbio e Produção Educativa – RIPE¹⁷. Os saberes/fazeres foram compartilhados a partir das experimentações vividas no RIPE, com os objetivos: 1°. Elencar os aspectos positivos e negativos e o 2°. Identificar os principais aspectos e/ou possibilidades para subsidiar o Projeto de Intervenção.

A partir das parcerias com a Faculdade de Educação-FACED /Universidade Federal da Bahia - UFBA podemos constatar um avanço imensurável do ensino/aprendizagem na Rede de Educação do Município de Irecê. “Os frutos colhidos” dessa conexão são decorrentes da sementeira na década de 90, com a graduação dos professores ireceenses. Para Jucileide Pereira:

¹⁶O Professor Nelson Rodrigues, é licenciado em sociologia, lecionava na Escola Municipal José Francisco Nunes e atualmente está nomeado à Coordenação do Ponto de Cultura; Jefferson Maciel é Coordenador Pedagógico da Escola Municipal Luiz Viana Filho, Osvaldo Rocha é Coordenador Pedagógico e a Dir^a Pedagógica, Jucileide Pereira, ambos da Escola José Francisco Nunes.

¹⁷ Ripe vem de hippie, de contracultura, do jeito hacker de ser, do compartilhamento livre, de produção e criação descentralizada. Disponível em: <<https://blog.ufba.br/ripe/o-projeto/>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

“...é notório a qualidade do ensino em Irecê pós UFBA, a qualificação dos docentes revigorou a equipe, somos professores/formadores em outros municípios, nos tornamos referência no território de Irecê, no que tange a organização/sistematização do currículo da nossa Rede!”

Esse encontro possibilitou acessar as memórias, para uma análise crítica dos saberes/fazerem na Rede Municipal de Educação de Irecê. As experiências vividas nortearam as discussões entre colegas que comungam a ideia da institucionalização da prática colaborativa no processo de ensino/aprendizagem a partir das possibilidades estruturantes das tecnologias móveis. Na intenção de identificarmos as lacunas a serem formatadas, para chegarmos a uma proposta de intervenção, faz-se necessário “futucarmos” e compartilharmos as nossas experimentações/lembranças. Em seu depoimento, a diretora Jucileide Pereira da Escola Municipal José Francisco Nunes, lembra que:

“...na busca pela transformação dos espaços/tempo da escola, no ano de 2008, a nossa Escola José Francisco Nunes recebeu um financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), a mesma não possuía uma infraestrutura adequada, porém, os bolsistas conseguiram comprar equipamentos para rádio, áudio e vídeo. Assim, passaram a fazer parte do projeto Rede de Intercâmbio de Produções Educativas (RIPE) sob a coordenação do professor Nelson Pretto e Maria Helena Bonilla. Nesse movimento foi concretizada mais uma parceria, o Ponto de Cultura Anísio Teixeira aqui em Irecê, possibilitou um caminhar ao encontro da dimensionalidade tecnológica.”

O projeto RIPE em Irecê, estendeu-se da Escola Municipal José Francisco Nunes para o Colégio Odete, com o objetivo de desenvolver e implantar um processo de produção colaborativa e de circulação de produtos multimídia nas escolas, possibilitando o compartilhamento em formato digital e com licenciamento aberto.

Houveram formações para nós professores, alunos e comunidade em geral, para: a produção e remixação dos áudios e vídeos; a apropriação das TIC, para a gravação e edição do material em vídeo. A ideia do projeto era refletir o currículo real da escola e não apenas o formal e instituído. (Depoimento do Professor Nelson Rodrigues, coordenador do Ponto de Cultura de Irecê – 2018)

Para Jefferson Maciel, as contribuições para as comunidades que vivenciaram o RIPE foram além das expectativas, principalmente em relação à apropriação das TIC em estudo nesse projeto. Acerca disso, ele afirma que:

...é lindo de se ver as produções pós o RIPE! É sem dúvida um fonte de inspiração à prática colaborativa, hoje a mobilidade nos possibilita “Nas” ações significativas! Vivencio produções excelentes protagonizadas pelos meus alunos na Escola Luiz Viana, entretanto percebo que muitos

colegas professores apresentam dificuldades na prática colaborativa e no compartilhamento das próprias ações, na maioria das vezes vejo uma resistência incrível para publicar/socializar seus trabalhos, alegam que não tem tempo e o horário do planejamento não é para essa finalidade. Temos um outro problema que é a conexão à internet, devemos levar em consideração o prejuízo que nos causa pela baixa velocidade do pacote disponível, precisamos rever urgente essa demanda. Pela minha itinerância na rede e diálogos com os demais colegas, compreendo que além da Luiz Viana e do Odete outras Escolas da Rede tenham esses mesmos problemas.

O professor aponta as dificuldades como corriqueiras nas escolas da rede Municipal de Irecê. Isso traz uma grande preocupação, pois raramente ouve-se alguém preocupado com o uso do *smartphone* de forma consciente e colaborativo em prol de uma educação com maior conectividade. Após refletirmos as contribuições do RIPE, o GF3 compartilhou a construção da estrutura do quadro a seguir:

Quadro 01: REDE DE INTERCÂMBIO E PRODUÇÃO EDUCATIVA – RIPE

REDE DE INTERCÂMBIO E PRODUÇÃO EDUCATIVA – RIPE	
ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
<ol style="list-style-type: none"> 1. A construção de possibilidades de colaboração e criação, através de redes abertas entre escolas/professores/estudantes. 2. O protagonismo docente e discente – atores/autores – da/na produção de Cultura e Conhecimentos; 3. Divulgação das produções colaborativas das/nas escolas; 4. A utilização aberta dos conteúdos como Redes Educativas Abertas; 5. A interação/integração da/na comunidade escolar que deseja compartilhar as suas produções. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dificuldades de acesso, cadastro e recuperação de senha dos usuários do Ripe. 2. Dificuldades de download por conta de problemas de conexão. 3. Falta de integração efetiva com as Redes Sociais mais conhecidas. 4. Falta de alimentação por parte dos sujeitos da escola. 5. Por esse motivo (4) a plataforma fica desatualizada, fazendo com que os acessos fiquem limitados.

A construção do quadro nos permitiu enfatizarmos a importância do trabalho solidário e colaborativo como prática necessária à construção da proposta de intervenção. Aqui

menciono o RIPE como REFERÊNCIA, haja vista que ascendeu mudanças nos saberes/fazeres pedagógicos nas Escolas Municipais de Irecê. Além dos depoimentos do GF3, constatei através de uma entrevista aberta com Ieda Marques o relato:

O RIPE fomentou o uso da TIC nas Escolas, os professores que não faziam parte do projeto foram também contagiados pela multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade. Foi desenvolvida uma cultura de colaboração, ensinantes e aprendentes, tornaram-se protagonistas na produção e disseminação da cultura tecnológica. Vejo como principal ponto negativo a falta de políticas públicas voltadas para esse fim.

Partindo do pressuposto metodológico, o pensamento dos sujeitos dessa pesquisa converge à concepção “ripiana” em uma perspectiva atualizada. Portanto, considerando os estudos e os resultados obtidos no cenário e fora dele, torna-se compreensivo a relevância da implantação do Núcleo de Pesquisa e Estudo em Práticas Colaborativas a partir do uso do smartphone, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula. Esta proposta de intervenção poderá ser considerada um marco tecnológico para/na Rede Municipal de Educação de Irecê

3.2.3 WhatsApp: um software para *smartphones* que permite novos fazeres

“Um bilhão de pessoas estão usando o *WhatsApp*¹⁸ agora”, afirmou Mark Zuckerberg, proprietário do aplicativo, ao comentar a expansão da ferramenta no início do ano de 2016. No Brasil, uma pesquisa* apontou que o *WhatsApp* é a plataforma de mensagens para *smartphone* mais utilizada no País. O uso massivo do canal modificou comportamentos e até abalou as estruturas das empresas de telefonia. A utilização, inicialmente para lazer, é cada vez mais dedicada às atividades profissionais, assim a tecnologia móvel “[...] é uma grande fonte de lazer, que possibilita fazer pesquisas, ler notícias, ver imagens, “visitar” museus e bibliotecas virtualmente, conhecer e “bater papo” com pessoas do mundo inteiro[...]”. (SILVA E PESSANHA, 2012, p. 01).

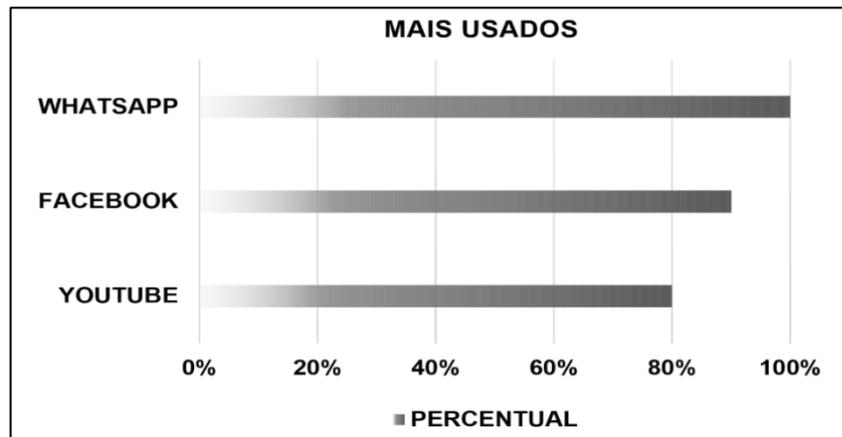
Atualmente, destacam-se em especial as conexões, como *Instragam*, *Facebook*, principalmente “a febre” o *WhatsApp*. Quando considerei *WhatsApp* como “a febre” do momento, é porque este aplicativo diante do estudo realizado lidera na conectividade entre o público. Durante a pesquisa o questionário semi-estruturado foi aplicado online através do Google Drive, a indagação a seguir foi comum a todas as pessoas pesquisadas e apresentou respostas espontâneas parecidas para a seguinte questão:

¹⁸A pesquisa foi realizada pela Conecta, plataforma web do Ibope Inteligência, e divulgada em 15/12/15.

- Cite em ordem decrescente pelo menos 3 aplicativos e/ou funções que você mais usa no seu *SMARTPHONE*, além das ligações realizadas normalmente entre as operadoras para as pessoas do seu convívio.

A resposta dessa questão está representada no gráfico a seguir:

Gráfico 6 – Os três aplicativos e/ou funções mais utilizados no SMARTPHONE dos alunos do 9º ano do Colégio Odete.



O resultados dos gráficos expressam que o acesso às redes sociais o *WhatsApp*, seguido do *Facebook* e do *Youtube* são prioridades para as/os 50 estudantes pesquisados. As 61 pessoas pesquisadas foram unânimes, confirmaram o *WhatsApp* como o mais usado. Durante os grupos focais tanto os professores quanto os estudantes disseram que usam o *WhatsApp* para diversos fins em decorrência da interatividade que o aplicativo oferece. Para a equipe docente (Professor G, Professor H, professora H e o Professor F do Colégio Odete-2017:

“apesar da massificação do WhatsApp, utilizamos muito pouco, com fins pedagógicos para o ensino/aprendizagem”. “É urgente uma formação para a apropriação e, o uso destas tecnologias móveis em sala de aula, tornando as nossas aulas mais dinâmicas e interessantes”,

Tais professores exaltam a necessidade da interação da comunidade escolar para a sistematização e institucionalização das práticas colaborativas. Segundo a Pedagoga Ieda Marques durante o GF1: *“Dessa forma, nos apropriamos das linguagens dos nascidos na era tecnológica, quem sabe esse será o backup para deletar o vírus dos padrões didáticos pedagógicos?”* Em alguns momentos durante o percurso da pesquisa os professores, os quais não faziam uso e/ou não tinham domínio dos aplicativos do *smartphone* (mesmo com o seu na mão) apresentavam como principal justificativa a falta de uma formação para a apropriação do dispositivo.

Durante as entrevistas, na “região de inquérito” (MACÊDO, 2004) dialogamos também as possibilidades do uso do *smartphone* e da prática colaborativa para além da sala de aula e dos muros da escola. Compartilhamos experiências para uma aula de campo no comércio local, com a participação de educadores e alunos do 9º ano – orientada e coordenada pelo Professor G –, sob a estratégia de aplicação de questionários no comércio local, sobre a temática “Empregabilidade”, em análise a relação empregador/empregado.

Os registros foram realizados através dos *smartphones* das/os alunas/os, cada grupo teve sua função, uns entrevistavam, outros filmavam e/ou fotografavam; constituíram um grupo usando o *WhatsApp*, para compartilhar os registros e as informações dos estudos realizados; fizeram produções de áudios, vídeos, exposição fotográfica, os resultados foram socializados entre as turmas do 9º ano. O professor G descreve as mudanças ocorridas através do uso dos *smartphones* na sala de aula:

As atitudes comportamentais desses/as alunos/as, nem se comparavam às de sala de aula – onde a indisciplina é constatada diariamente durante as atividades tradicionais –, interagiam e colaboravam com facilidade, conforme as funções delegadas. Ave Maria, são outras pessoas quando a gente inova o processo de ensino/aprendizagem! As interpretações e conclusões desta atividade possibilitaram às diversas leituras socioespaciais geográficas pelos estudantes e uma avaliação diversificada. (Depoimento do Professor G do Colégio Odete-2018)

Ainda sobre essa experimentação, sob outro olhar, trago também um recorte do relato de uma aluna ao entrevistar uma pessoa no comércio local:

...a mulher se recusou a responder a maioria das perguntas, alegava que não podia, fiquei sem entender, como eu sou curiosa, no final da entrevista eu perguntei por que ela não podia responder as outras perguntas. Aí ela disse, que era a dona e não funcionária, naquele instante compreendi a situação. Foi show esse trabalho em grupo, todo mundo se ajudando nos grupos na sala de aula, pelo WhatsApp, ficou fácil entender o assunto! (Relato da Aluna E do Colégio Odete-2018)

A partir do projeto de intervenção, o que se pretende é que atividades semelhantes a estas, sejam fomentadas, compartilhadas em uma concepção colaborativa, em que os aplicativos e/ou suportes dos *smartphones* dentre outras tecnologias móveis tenham como um dos principais objetivos possibilitar o protagonismo dos/as professores/as e alunos/as, na constante metamorfose sociocultural e econômica a que estamos inseridos neste século XXI. Assim, seremos atores/autores, produtores/construtores de nossos próprios fazeres, capazes de re/construir conhecimentos.

Segundo Pretto (2000), é preciso fazer parte ou trazer a tecnologia para dentro das escolas, é necessária uma integração mais afetiva entre a educação e, a comunicação e isso só

se darão se esses novos meios estiverem presentes como fundamentos dessa nova educação. A apropriação da funcionalidade das redes colaborativas e do uso dos *smartphones* – dentre outras tecnologias móveis –, tende a transformar o Colégio Odete em um espaço aprendente, capaz de tornar-se o referencial para a conexão, com as demais unidades escolares da rede municipal ireceense e, para além destas.

Portanto, a comunidade escolar em estudo poderá compartilhar o desenvolvimento dessa intervenção e possivelmente gerar impacto positivo no modo de apropriação das tecnologias móveis, das práticas colaborativas na sala de aula do referido colégio, garantindo assim ampliação das oportunidades de expressão e compartilhamento de produções de alunos/as e professores/as, a partir de mobilizações/qualificações que possibilite criar condições para o exercício da cidadania.

Sobre o compartilhamento Silva A.(2015, p.2), discorre que “é imprescindível desenvolver competências para tornar-se participativo na internet, como capacidade de interconectar ideias, de agregar saberes com os outros e produzir informações com intuito de serem compartilhadas”. A ideia é extrapolar a produção multimídia (vídeos e sons), pois ela é ilimitada. Dessa maneira, para exercer a cidadania compreendemos que: produzir informações e conhecimento passa a ser a condição para transformar a atual ordem social; produzir de forma descentralizada; produzir de maneira não formatada ou pré-concebida; produzir e ocupar os espaços, todos os espaços através da conectividade colaborativa permite ao ser uma autotransformação.

Assim, a apropriação da cultura digital, a qual o ser possui uma essência cultural implicada permite transformar os pensamentos, então passa a ser fundamental, a qual indica um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais aqui citadas. Estas afetam em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana. Isso inclui reorganizações da língua escrita e falada, as ideias de um grupo, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, a arte, a religião, a ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana. Até mesmo os aspectos mais pessoais como os rituais de namoro e casamento, entre outras práticas, têm a sua regulação alterada dado as novas formas de interação vivenciadas na cultura digital. (ASSIS, 2007)

Sendo assim, a tecnologia como mecanismo de construção de conhecimento ocorre em espaços, nos quais, a interação, a produção colaborativa, a socialização e a cooperação acontecem de forma mais significativa. Estamos em uma era da produção descentralizada, de maneira não formatada ou pré-concebida, prevalece a necessidade de ocupar os distintos espaços, principalmente através das redes de Educação. Daí a relevância da *Proposta de*

Intervenção em produzir informações e conhecimentos que possibilitem a condição protagonista para vivenciar/atualizar-se neste século em que as inter-relações são caóticas e fluídas.

4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: PRÁTICAS COLABORATIVAS A PARTIR DO USO DO *SMARTPHONE* – DENTRE OUTRAS TECNOLOGIAS MÓVEIS – NA SALA DE AULA

A Proposta de Intervenção em discussão tem como objetivo fomentar a difusão do conhecimento livre com base nas práticas colaborativas a partir do uso do *smartphone* – dentre outras tecnologias móveis –, na sala de aula e “apreender” as atualizações da tecnologia conectada ao currículo contemporâneo. Currículo este “imerso” em uma cultura digital pós-moderna. Neste sentido, Santos (2012, p. 2) argumenta que “sociedade da informação, era da informação, sociedade do conhecimento, era do conhecimento, era digital, sociedade da comunicação e muitos outros termos são utilizados para designar a sociedade atual”. Muitos termos para uma mesma realidade em que o contexto do professor é de um profissional desatualizado/a “submerso” junto a escola e sua cultura de escolarização.

Observando o lócus da pesquisa (Colégio Odete) pude perceber a dificuldade dos docentes na linguagem/comunicação entre os alunos dessa geração digital. Algumas vezes presenciei em formações de professores constante reclamações sobre o *internetês* (uma nova maneira de interagir, mais fácil porque não precisa de muitas palavras, as abreviações facilitam a interação perante a dinâmica e/ou agilidade, fixadas às novas gerações na contemporaneidade, no que se refere às realizações das (re)descobertas). Nesse contexto, as “queixas” motivaram-me a investigar o que fazer para tornar o *smartphone* um elemento estruturante da prática pedagógica, na qual o uso das tecnologias móveis no processo de ensino/aprendizagem possibilitasse uma nova forma de ensinar/aprender.

Durante a caminhada elementos significativos (res)surgiram para propor um projeto de intervenção política e operacional do uso do *smartphone* na sala de aula, com o objetivo de não só viabilizar que os ensinante/aprendentes tenham a compreensão da importância pedagógica deste dispositivo nos espaços da escola, contudo, fortalecer a construção de conhecimentos, um conhecimento tecido nas mais variadas matizes, considerando a prática colaborativa das diversas manifestações sociais, culturais e digitais que ecoavam (in)visíveis nos espaços aprendentes da escola.

Para tanto, o primeiro fio tecido a partir de um desenho é o delineamento do uso do *smartphone* pelo coletivo da comunidade escolar, convocando a diversidade de vozes que ecoam para transformar/transgredir com as imposições que existem, restringindo o uso do celular na escola, quando, no entanto, poderia ser um verdadeiro prazer, ou seja, a inovação dos espaços aprendentes onde cada um constrói um fio que entrelaça para encontrar uma

satisfação, em um “(...) espaço, ao mesmo tempo físico e mental, em que se desencadeia o agir social” (SCHALLER, 2008, p. 78). Precisamos conhecer, nos apropriarmos das potencialidades e possibilidades do uso do *smartphone*, para que esta tecnologia móvel possa ser utilizada em prol à re/construção do conhecimento nos diversos cenários aprendentes, numa concepção inovadora da prática pedagógica, a qual se relaciona aos saberes e fazeres. Nesse âmbito, os autores Giaretton e Szymanski (2013, p. 04) afirma que na representação da prática docente há um constante movimento, pois:

[...]as atividades que a permeiam, permitem que o professor possa, não só conduzir o processo de ensino e de aprendizagem teoricamente fundamentado, mas que contribua para a análise desta mesma teoria, trazendo da prática elementos que contribuam para o desenvolvimento e avanço da teoria.

Pensando nisso, é primordial a compreensão da inteligência coletiva. Segundo Pierre Lévy (1994, p. 28) ela vem distribuída em alguns critérios, a saber:

[...]a inteligência coletiva é uma Inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências para a contextualização espaço-tempo e pares, onde possa haver o diálogo e a percepção protagonista na re/construção do ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, as inteligências coletivas podem ser desenvolvidas nas práticas colaborativas a partir do uso do *smartphone* no processo de ensino/aprendizagem na sala de aula. Para que isso ocorra, os alunos e professores da escola foram questionados sobre o interesse em participar de um Núcleo, onde o *smartphone* dentre outras tecnologias móveis, pudessem ser estudadas com finalidades pedagógicas e, nessa questão, houve unanimidade entre as/os docentes e 95% dos discentes respondentes no desejo de compartilhar esse ensino/aprendizagem. Essa resposta indica fortemente, a demanda por mudanças na sala de aula do Colégio Municipal Odete Nunes Dourado. Sendo assim, é notável o fortalecimento de ideias que se conectam para o “a-con-tecer” efetivo do uso do *smartphone* como dispositivo estruturante do processo de ensino/aprendizagem.

Para isso, proponho um “Núcleo de Pesquisa e Estudo em Práticas Colaborativas a partir do uso do *smartphone*, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula, no processo de ensino/aprendizagem” apoiado nas Diretrizes de políticas para o uso das tecnologias móveis (– em destaque os celulares –) e da aprendizagem móvel, no ensino/aprendizagem formal e informal da UNESCO (2014) que convergem à concepção ripiana. O referido Núcleo tem a pretensão de apresentar-se em uma *dimensão espacial dual* para o processo de formação dos ensinantes/aprendentes e o compartilhamento das produções.

O Núcleo é pensado como um local no qual estudantes possam envolver-se em projetos digitais, tais como: como produção de vídeos, curtas metragens, fotografias, interações sociais etc. A intenção é que ele seja físico e virtual. Físico para ser o local de realização das ações e atividades, ou seja, a intervenção acontecendo no espaço do Colégio Odete. Já no quesito virtual, através das Redes de Educação Livres e/ou aplicativos, software disponíveis para as tecnologias móveis online e/ou off-line, sendo estas conectadas à internet e compartilhadas em algum momento.

Nesse viés, a demanda poderá ser atendida através de parcerias com instituições e/ou pesquisadores em educação, que tenham interesse em contribuir, principalmente com os estudos em discussão, compartilhando experiências, bem como a própria experimentação na produção do conhecimento, que cada um desses venha a defender e, posterior ou concomitantemente compartilhar em redes colaborativas abertas. Disso surge, a importância do licenciamento aberto, pois, possibilita replicar experiências e pesquisas científicas. Esta deve ser a principal condição para fazer parte do Núcleo, porque este nasce da concepção, da revitalização/atualização do Projeto RIPE – Rede de Intercâmbio e Produção Educativa.

Portanto, é esperado que através do NÚCLEO, haja a re/construção dos espaços/territórios no Colégio Odete para o desenvolvimento de práticas colaborativas e que futuramente influencie positivamente as demais Unidades de Ensino da Rede Municipal Irecense. De tal modo, a concepção da Proposta de Intervenção se coaduna com alguns projetos desenvolvidos na unidade escolar em estudo, tendo como aporte essencial o Projeto RIPE implementado em 2008, implantando em 2009 no Colégio Odete.

4.1 O USO DO SMARTPHONE: *ensinantes/aprendentes*

São os contextos que precisam ser negociados, construídos e reinscritos na mediação, que não estão pré-construídos...

Raquel Recuero

Ao propor como intervenção um Núcleo de Pesquisa e Estudo em Práticas Colaborativas a partir do uso do *smartphone*, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula, no processo de ensino/aprendizagem” cabe aqui pensar aspectos mais detalhados de como isso se dá no cotidiano da escola, na qual as ações foram estruturadas para a implementação, implantação e a possível institucionalização do Núcleo. Inicialmente, o percurso da efetivação da pesquisa no Colégio Odete foi considerado um espaço de uma sociedade emergente global e digital, visto que se transforma em uma teia de diversas possibilidades de atualizações

cotidianas para/no currículo escolar, no que tange os fazeres diferentes para transformar as práticas colaborativas a partir dos contextos.

Por isso, é importante incentivar/possibilitar a prática colaborativa entre ensinantes/aprendentes no processo de ensino/aprendizagem. Para isso, é preciso (re)inventar/innovar os espaços na escola a partir do uso do *smartphone* na sala de aula, bem como no pátio, cantina, laboratório de informática, biblioteca, corredor, sala dos professores e todos os espaços/tempos. Tal inovação é possível à medida que se propõe transformar o uso do *smartphone* (elemento estruturante x elemento proibido) na escola para que estudantes e funcionários sejam produtores do conhecimento. Nesse sentido, o uso do aparelho é essencial para proporcionar não somente o prazer no usar por usar, mas sim para construir conhecimento. Isso também implica na redução da visão fragmentada e precipitada sobre o uso do *smartphone*, que passa a ser compreendido na sua totalidade.

Estas proposições quanto ao uso do *smartphone* emergiram através do grupo focal com os pesquisados. Isso porque houve um diálogo, bem como instigação para realizar uma intervenção oriunda das necessidades do cotidiano, de maneira que contribuísse para atender uma necessidade, um sonho, um desejo, principalmente dos pesquisados. De tal modo, as práticas colaborativas podem ser pensadas e planejadas pela comunidade escolar, principalmente pelos estudantes, no intuito de romper com a “passividade” e levá-los ao protagonismo estudantil. É importante assim que a escola seja um espaço/tempo de (re)construção permitindo que os estudantes sejam agentes de transformação/significação do seu próprio processo de aprendizagem.

Com a reinvenção sobre o uso do *smartphone* no espaço escolar o currículo poderá se fortalecer como processo social em construção do/no contexto das pessoas, assim faz a diferença nos espaços aprendentes. Dessa forma, os estudantes poderão ser protagonistas das suas produções individual e/ou coletiva, não necessariamente necessita de um mediador, pois podem “futucar” com autonomia sobre o que fazer e como fazer criando condições de novos fazeres. Para que isso aconteça, proponho aqui uma flexibilização/atualização do/no currículo permitindo a conexão dos espaços/tempos do Núcleo e das salas.

Se a proposta não for pensada enquanto meta do Projeto Político Pedagógico- PPP e fizer parte do currículo da escola, esse PI não passará de mera construção ideológica. O uso do *smartphone* é um excelente fator para promover aprendizagem, bem como entrelaçar os conhecimentos a partir das referências que os sujeitos possuem, podendo assim surgir o transbordamento dos/nos espaços aprendentes com o projeto de intervenção. Segue abaixo, a

tessitura do Núcleo e a proposição de organização do Projeto de intervenção no Colégio Odete.

4.2 A TESSITURA DO NÚCLEO E A OPERACIONALIZAÇÃO DAS POSSIBILIDADES

A tessitura do “Núcleo de Pesquisa e Estudo em Práticas Colaborativas a partir do uso do *smartphone*, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula do Colégio Odete converge para a flexibilização/atualização do/no currículo no Projeto Político Pedagógico, o desenvolvimento de uma cultura digital, na qual a conexão dos espaços/tempos do Núcleo e das salas seja uma realidade, para um planejamento pedagógico alinhado e partilhado, além de uma preparação dos docentes para vivenciarem novas metodologias que tenham como objeto central o aluno. Assim, pontuo algumas ações pensadas a partir da pesquisa objetivando viabilizar as práticas colaborativas, ou melhor, possibilitar que as produções digitais sejam criadas/transformadas e compartilhadas no lócus da pesquisa, possíveis escolas da Rede Municipal de Educação de Irecê e/ou toda comunidade científica/acadêmica que deseje trabalhar com aprendizagens compartilhadas.

Inicialmente é preciso trabalhar a sensibilização da escola e de toda a comunidade. Para isso, cabe a gestão, coordenação e professores realizarem estudos e debates sobre o uso do *smartphone* e demais tecnologias móveis, conhecer aplicativos, jogos, dentre outras ações etc. Posteriormente, é fundamental realizar um diagnóstico coletivo sobre a importância do uso do *smartphone* nos espaços da escola através da implantação de um núcleo para que efetivem de fato, a construção do conhecimento. Ainda, para reinventar as diversas possibilidades de uso do *smartphone*, faz-se necessário promover o compartilhamento de práticas colaborativas possibilitadoras de aprendizagens, flexibilizar/atualizar o currículo, planejar e criar objetivos bem definidos.

A seguir aponto alguns direcionamentos possíveis que eclodiram da investigação, no que tange à organização do trabalho pedagógico, planejamento e currículo:

- ✓ (Re)organizar coletivamente os espaços da escola, pensando em agrupamentos, com o objetivo de entrelaçar as diversas vozes para construir um espaço polifônico através do *smartphone*;
- ✓ Continuar com o grupo focal: de estudantes, professores e funcionários discutir e desenvolver práticas colaborativas para usar o *smartphone* nos espaços da escola, construindo conhecimentos;

- ✓ Planejar práticas colaborativas temáticas a partir do uso do *smartphone*, possibilitando a construção de valores e atitudes solidárias em toda a escola; fortalecendo assim os vínculos identitários;
- ✓ Realizar oficinas que oportunizem aos professores e estudantes explorarem melhor o uso do celular; desenvolvendo a autonomia e criatividade, utilizando o conhecimento das diversas formas;
- ✓ Transformar o espaço/tempo em práticas colaborativas para desenvolver formação continuada, a partir do uso do *smartphone*, assim o coordenador, professores e estudantes serão aliados, um ato político de negociações e tomadas de decisões.
- ✓ Flexibilizar a portaria que proíbe o uso do celular na escola, uma vez que o currículo é em rede e permite conexões com outros tempos/espços, a partir da interação dos sujeitos do currículo, levando em consideração as atualizações das referências de vida e de mundo.
- ✓ Reformular o Projeto Político Pedagógico, através da adesão de todos, incluindo as práticas colaborativas do uso do *smartphone*;
- ✓ Compartilhar experiências diferenciadas de práticas colaborativas entre os estudantes, para colocarem as suas impressões sobre o uso do *smartphone* para contribuir com a aprendizagem;
- ✓ Planejar e desenvolver contínuas reavaliações sobre a utilização dos *smartfones* pelos estudantes, privilegiando os registros de memória das avaliações realizadas.
- ✓ (Re)organizar o laboratório de informática, para se tornar um espaço produtor de “forças motrizes”, em que professores e estudantes sejam atores/autores do seu processo de aprendizagem, de forma que compartilhem experiências.
- ✓ Transformar o cenário da escola em um ponto de partida e de chegada para o ensino e aprendizagem com o *smartphone*, para que as conexões se fortaleçam, ampliando a rede de fios, de forma que provoque o estudante a não ficar acomodado, contudo desequilibrado emergir o conhecimento novo.
- ✓ Mapear e (re)organizar as competências dos estudantes, profissionais da educação, no que tange ao uso do *smartphone*, para realizar a reformulação a que estão expostos os pontos de partida e os pontos de chegada como ação para práticas colaborativas.

Enfim, é preciso ousar na estratégia da mudança, da transformação da realidade, na esperança de que possa acontecer um trabalho coletivo e integrado aos atores escolares. Nesse âmbito, é importante também que aconteça um trabalho de formação continuada “no exercício da profissão”, formação esta que garanta espaços/tempos de reflexão sobre currículo, tecnologias móveis e digitais, inclusão, metodologias ativas e diferenciadas, nas quais os alunos estejam no centro do processo de ensino/aprendizagem. Isso requer também um planejamento pedagógico eficiente, pensado no confronto com a prática, na qual, os saberes e os campos de atuação do professor sejam sempre realinhados para os objetivos traçados no lugar de partilha, a escola.

O *smartphone* como elemento estruturante poderá ser um aliado indispensável para que esse lugar de partilha, seja também um lugar de tecer redes conectadas, de currículo integrado, de (re)organização de competências e de entrelaçamentos de vozes cada vez mais audíveis. A seguir apresento uma tabela sistematizando o que apresentei acima, de forma mais delineada e detalhada. De tal modo, a tabela apresenta o cronograma para a elaboração colaborativa e compartilhada entre ensinantes/ aprendentes. A síntese representa a tessitura da Proposta de Intervenção.

Tabela 01: Webconferência para educadores e educandos: Práticas colaborativas a partir do uso do *smartphone*, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula.

WEBCONFERÊNCIA	PÚBLICO	LOCAL	METODOLOGIA
Webconferência para educadores - Práticas colaborativas a partir do uso do <i>smartphone</i>, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula	Os/as professores/as dos diversos eixos, as coordenadoras, as vices e direção do Colégio Odete. Aproximadamente 60 pessoas.	Auditório do Colégio Odete. Duração: 04 horas mensais durante 08 meses.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Projeto de Intervenção. • Compartilhamento das experiências/práticas pedagógicas colaborativas. • Construção do Plano de Ações Pedagógicas Colaborativas a partir do uso do <i>smartphone</i> na sala de aula; • Construção do Grupo de Diálogo Via <i>WhatsApp</i>, para implementar o Núcleo de Estudo e Pesquisa de docentes.
Webconferência para educandos - Práticas colaborativas a partir do uso do <i>smartphone</i>, dentre outras tecnologias móveis na sala de aula	Público: Todos/as alunos/as do 9º ano e as coordenadoras do Colégio Odete. Aproximadamente 200 pessoas.	Auditório do Colégio Odete. Duração: 04 horas mensais durante 08 meses.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Projeto de Intervenção. • Escutar os/as alunos/as quanto às possibilidades de uso do celular na sala de aula. • Construção do Plano de Ações Pedagógicas Colaborativas a partir do uso do <i>smartphone</i> na sala de aula mediadas pelo professor e/ou facilitador. • Construção do Grupo de Diálogo Via <i>WhatsApp</i>, para implementar o Núcleo de Estudo e Pesquisa de alunos.
1º, 2º e 3º Fórum ireceense de/com ensinantes/aprendentes : Dialogando as práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem a partir do uso do <i>smartphone</i> na sala de aula.	Público: Os/as alunos/as do 9º ano, os/as professores/as, as coordenadoras, as vice e direção do Colégio Odete. Aproximadamente 260 pessoas.	Local: Auditório do Colégio Odete. Duração: 08 horas trimestralmente cada fórum.	<ul style="list-style-type: none"> • Compartilhamento do Plano de Ações Pedagógicas Colaborativas a partir do uso do <i>smartphone</i> na sala de aula. • Após diálogo com o secretário de educação transgredir com a portaria que proíbe o uso do celular para a construção de um único Plano de Ações Colaborativas a partir do uso do <i>smartphone</i> na sala de aula. • Implantação no Colégio Odete, O NÚCLEO DE PESQUISA E ESTUDO EM PRÁTICAS COLABORATIVAS A PARTIR DO USO DO <i>SMARTPHONE</i>, DENTRE OUTRAS TECNOLOGIAS MÓVEIS NA SALA DE AULA a partir de uma portaria e do regimento escolar.

Ao sugerir a metodologia de um Plano de Ações Pedagógicas Colaborativas a partir do uso do *smartphone* na sala de aula, parto da compreensão de que a cultura digital é possível através de um planejamento pedagógico, no qual as ações são pensadas e/ou construídas impulsionando a equipe a alcançar as competências esperadas no processo de ensino/aprendizagem. A implantação dessa proposta é algo inovador e inédito na Rede municipal porque envolve todas as pessoas da comunidade escolar no processo de construção e da operacionalização das possibilidades. A seguir, apresento algumas possibilidades de trabalho a serem desenvolvidas no Núcleo, no período de 02 anos.

Inicialmente o núcleo poderá ser um espaço propício a **Pesquisas e/ou estudos**. Isso poderá acontecer em encontros quinzenais, com a presença de coordenadores e professores alunos/as e demais interessados, em um local ambientado, climatizado para pensar tecnologias móveis, construir práticas colaborativas, produzir material e, conseqüentemente desenvolver a cultura digital na escola. Além disso, o núcleo também pode ser o espaço/tempo para o desenvolvimento de **Oficinas** em parceria com o Ponto de Cultura Ciberparque Anísio Teixeira e o Colégio Odete. Essas oficinas podem ser ofertadas durante os trimestres letivos, conforme planejamento didático dos professores. O trabalho com oficinas garante metodologias ativas e atraentes, nas quais os alunos possam vivenciar melhores situações de ensino/ aprendizagem. Um exemplo disso é uma oficina de produção de curta-metragem, fotografias, clipes etc. Durante as oficinas é possível ainda construir registros audiovisuais, a exemplo de um documentário sobre as experiências e estudos do/no núcleo semestralmente. Tudo isso poderá ser compartilhado via *WhatsApp* e demais redes sociais., no sentido de promover o Núcleo e torna-lo parte da rede municipal de educação.

Ainda é possível através do Núcleo, usar do modelo de aprendizagem ativa, denominada **Sala invertida**. Esta consiste em ser um espaço que rompe com o habitual com ensino/aprendizagem móvel para além dos muros da escola. Esse modelo de metodologia ativa é um propulsor de aprendizagem, na qual os alunos estudam de forma independente com módulos on-line, cada um traçando um perfil de estudos e depois compartilhando no grupo. A sala de aula ganha muito mais significado.

Toda mudança implica necessariamente em uma transformação de um estado para outro, sair de proibições de *smartphones* para uso consciente, de planejamentos burocráticos para planejamentos possíveis, racionais; sair de resultados ínfimos do Índice de desenvolvimento da educação básica- IDEB para resultados mais “pomposos”; mudar de propostas educacionais excludentes para propostas inclusivas, mudar para transformar planejamentos disciplinares em interdisciplinares, mudar práticas pedagógicas extremamente

fechadas no professor para práticas mais abertas ao aluno, nas quais eles estejam no centro do processo, como sujeitos ativos e construtores de seus conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje me sinto mais forte
 Mais feliz, quem sabe
 Só levo a certeza
 De que muito pouco sei
 Ou nada sei

Composição: Almir Sater / Renato Teixeira

No decorrer do curso muitas vezes me senti enfraquecido, contudo, faço referência ao trecho da música “Tocando em Frente” de Almir Sater “De que muito pouco eu sei, ou nada sei...”. Porém, neste momento, abro as janelas do cérebro, da alma e do coração para fluir as diversas possibilidades da conectividade, uma vez que, esta produção não se esgota aqui. Através deste projeto “ousado”, fruto da observação/vivência da proibição do *smartphone* na sala de aula, pretende-se criar possibilidades para as pessoas (alunos e professores) saírem da comodidade em que ficam “enclausurados” como ostras para produzir conhecimentos imersos em uma cultura digital, na qual a proibição não seja nem cogitada. Cabe ressaltar aqui que o *smartphone* e as demais tecnologias móveis alteram fundamentalmente a forma de vida das pessoas. Contudo, decisões políticas, sólidas, podem viabilizar o uso adequado delas, também podem melhorar o modo como as pessoas aprendem, ou seja, constroem conhecimentos.

Assim sendo, a escola é um espaço aprendente, parte integrante da sociedade que recebe diversas transformações de maneira brusca, sem muito tempo para compreender tais mudanças proporcionadas por uma dinâmica pós-moderna. Durante a tessitura da rede de conhecimentos as certezas são questionadas, visto que diante da efemeridade tudo é tão incerto. Vale salientar que a escola ainda continua agindo com fundamentos da modernidade, com muitas certezas advindas ainda dos séculos passados, basta analisarmos o seu espaço físico, práticas e resultados.

Nesse contexto de negação aos fundamentos cristalizados na modernidade e do possível fracasso da escola em relação à forma ainda moderna de ações pedagógicas, apresenta-se como uma das possibilidades a transformação da postura docente, no que tange à produção de conhecimentos a partir do uso do *smartphone*. Para tanto, existe uma busca incessante por uma práxis pedagógica colaborativa a partir do uso das tecnologias móveis que venha transgredir, burlar, transcender com as imposições.

Nesse sentido, ao analisar o uso dos *smartphones* no processo de ensino e aprendizagem no 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Odete Nunes

Dourado, situado em Irecê/BA, pude perceber que a proibição parte da fragilidade da escola em compreender as mudanças de uma sociedade digital, na qual as práticas colaborativas são necessárias e úteis ao processo de ensino/aprendizagem. Nessa perspectiva, as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC móveis permitem comunicações em redes e processos.

Autores como Pretto (2000, 2008,2012), Bonilla (2002,2012), Pretto e Assis (2008) apontaram sobre a necessidade de pensarmos em políticas de conexão incluídas que não disponibilize apenas máquinas ou aparelhos, mas que garanta a conexão (banda larga) à internet. Nesse sentido, as práticas colaborativas favorecem possibilidades de trocas, permutas de conhecimentos, informações e transformações sociais, culturais e tecnológicas.

Nesse sentido, ao responder a problemática inicial, vê-se que a proibição é fruto de uma concepção equivocada de ensino/ aprendizagem que precisa ser repensada, no sentido de dar maior visibilidade e autonomia aos estudantes. Isso não significa garantir conexão sem acompanhamento, controle de horários, locais, conteúdo e produção. Para isso, uma estruturação curricular que compreenda as tecnologias móveis como elementos fundantes para articulação das práticas colaborativas, já faz uma diferença e tanto. Compreender que através do *smartphone online ou off-line*, bem como outros dispositivos móveis é possível construir uma escola conectada, articulada e que produza (consuma) em regime de cooperação e colaboração materiais que articulem diversas mídias e linguagens.

De tal modo, esse estudo permitiu compreender o uso dos *smartphones* e demais tecnologias móveis, bem como suas possibilidades de implementação através das práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem na Escola Municipal Odete Nunes Dourado. Isso foi possível graças a participação dos sujeitos da pesquisa quando de forma colaborativa, assumiu dialogar sobre a importância das práticas colaborativas no processo de ensino/ aprendizagem, compreendendo o compartilhamento como algo indissociável ao conhecimento. Estes apontaram que implementar o uso de tecnologias móveis e desenvolver práticas colaborativas não é um caminho fácil, pois muitas vezes falta tempo e espaço para discussão e sistematização dessa práxis; e que também em relação ao uso do *smartphone*, falta o domínio das possibilidades pedagógicas, reafirmando a necessidade de uma qualificação que atenda todo o corpo docente.

Além disso, os sujeitos da pesquisa ainda apontaram como desafio cotidiano, a distração dos discentes, em relação às redes sociais, os quais estão conectados o tempo todo e com o acesso à internet na/da escola. Para superar esses entraves acreditam na institucionalização e reflexão da práxis, na qual as práticas colaborativas possam ser objeto de

estudo, ou seja, precisam de suporte técnico pedagógico, onde todo o corpo docente tenha a qualificação necessária.

Apesar da insuficiente preparação dos professores e da ausência de uma internet banda larga na escola, os sujeitos da pesquisa defenderam o uso do *smartphone* e demais tecnologias moveis como aliados no trabalho pedagógico, a exemplo de situações de uso como: acesso à internet para pesquisa e estudo em sites, livros e apostilas digitais; acesso aos ambientes virtuais, para resolver exercícios e/ou avaliações online, consultar materiais disponíveis etc.; o uso de aplicativos para tirar fotos, fazer anotações, gravações, edição de vídeos etc.; construção e edição de textos online, debate de ideias, compartilhamento de arquivos e saberes diversos.

No que tange aos alunos, defenderam até preferir estudar no celular, afirmando encontrar assuntos diversos e interessantes. Nesse âmbito, o uso do *smartphone* na escola pode contribuir para o protagonismo dos alunos, ao dar voz ativa na construção de práticas colaborativas e compartilháveis. Um exemplo claro disso, é a apresentação do projeto Rede de Intercâmbio e Produção Educativa (RIPE), quem dera pudesse ser ampliado às demais escolas da Rede Municipal de Irecê. O RIPE fomentou o uso da TIC nas Escolas, favorecendo a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade, desenvolvendo uma cultura de colaboração entre ensinantes e aprendentes.

Frente a isso, no decorrer do trabalho, assumi uma postura contrária à proibição do *smartphone*, no entanto, ciente de que as políticas públicas ainda não são suficientes para o desenvolvimento de uma cultura digital na escola, muitas vezes, não há banda larga nas escolas, nem aparelhos modernos para os professores e alunos. Além disso, muitos professores encontram-se despreparados para desenvolverem as competências que a sociedade do conhecimento exige. Enfim, são vários os fatores que dificultam os processos de inclusão digital nas escolas e por vezes, a saída mais fácil é proibir/banir as inovações e/ou o desconhecido.

Nesse limiar, a escola assume questões desafiadoras quanto a sua identidade e função na sociedade. Nesta perspectiva cabe à comunidade escolar desvelar o seu papel social, político, científico e cultural, conforme sua historicidade e complexidade em que está inserida para compreender e mediar os possíveis conflitos que dificultam o ensino/aprendizagem. Portanto, há a necessidade de pensarmos a práxis pedagógica colaborativa como uma possibilidade de construirmos uma escola que dialogue mais, entre os envolvidos nesse espaço e somando a isso, as potencialidades que o uso das tecnologias móveis, como

elemento estruturante/fundante que pode contribuir para uma integração efetiva resultando assim, em um ambiente mais propício para a aprendizagem.

Sob este prisma, emerge aqui o resultado de uma prática multifacetada com diversos fios matizados que possibilita perspectivas de inovação, de resultados significativos no processo ensino/aprendizagem, tanto no âmbito qualitativo, quanto no quantitativo, uma vez que os desafios empregados nos saberes e fazeres pedagógicos fomentam uma maior participação e envolvimento dos/as alunos/as. A prática pedagógica colaborativa tende a desvelar os horizontes possibilitando a emancipação dos pares, *ensinantes/aprendentes*, uma vez que há uma diversidade histórica envolvida na compreensão dos fenômenos sob distintos olhares estéticos, morais e éticos.

Nessa perspectiva, o núcleo proposto tem a intenção de oportunizar tempo/espço, cujas práticas colaborativas dialogadas repercutam no uso do *smartphone* – dentre outras tecnologias móveis – na sala de aula. O núcleo é resultado da pesquisa *in loco* e dos estudos que demonstram/demonstraram que em um mundo que confia cada vez mais na conectividade e no acesso à informação, as tecnologias móveis não são uma novidade passageira. A escolha do *smartphone* certamente não esgota as possibilidades, nem limita as tecnologias móveis, ela foi pensada apenas porque é uma extensão e evolução do telefone celular que cada vez mais ganha sofisticação, mas que mantém os traços originais: ligar, mandar mensagem, tirar fotos, fazer vídeos etc. Os aplicativos e as funcionalidades vão com o tempo se aperfeiçoando, de acordo com o mercado de trabalho e suas demandas.

Assim, a presença de *smartphones* conectados à internet na escola permitem que cada vez mais o conhecimento seja partilhado/transformado/recriado. Para isso, a proposição do Núcleo de Pesquisa e Estudo em Práticas Colaborativas poderá ser uma grande conquista, se assim, a escola lócus desejar. À medida, em que houver a apropriação da funcionalidade das tecnologias móveis, provavelmente se ampliará o diálogo entre as distintas gerações ensinantes/aprendentes, na constituição de uma educação colaborativa, tanto formal quanto informal. Este é o caminho a trilhar a partir de agora! Para tanto, vale ressaltar aqui que a autoria foi/será o “carro chefe” para o projeto de intervenção, uma vez que os fazeres são os principais fios que compõem o processo de formação, pois as práticas estão ancoradas nas práticas pedagógicas colaborativas, as quais serão suportes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D.A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. São Paulo, 2005;

ASSIS, A. Santos de. **Professores em rede: o desafio das universidades públicas para a formação superior de professores da educação básica com o uso das tecnologias da informação e comunicação**. Salvador, 2007. 218 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007;

BONILLA, M. H. S. **Escola aprendente: desafios e possibilidades postos no contexto da sociedade do conhecimento** / Salvador: 2002; Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6819>. Acesso em 02/04/2019;

_____, Maria Helena Silveira. PRETTO, Nelson De Luca. **Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais**. PERSPECTIVA, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p499>. Acesso em 02/04/2019;

_____, Maria Helena Silveira. PRETTO, Nelson De Luca. ALMADA, Darlene. **Produção colaborativa e descentralizada de imagens e sons para a educação básica: criação e implantação do RIPE - Rede de Intercâmbio de Produção Educativa**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2723/1/artigo.pdf>. Acesso em 05/04/2019;

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996;

BROWN, Ann; COCKING, Rodney R.; BRANSFORD, John. **Como as Pessoas Aprendem - Cérebro, Mente, Experiência e Escola**. São Paulo: Senac, 2007;

CANTÚ, E. **Elementos para o fortalecimento da mediação docente na educação tecnológica: aplicação no ensino-aprendizagem de redes de computadores**. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005;

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede a era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999;

CIDADE, Negra. **A estrada**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1998. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cidade-negra/45268/>. Acesso em 07 de setembro de 2018.

FÉ, Ana Lúcia Moura. **Rumo ao futuro**. Revista Information Management, p. 32 a 38, mai/jun.2012.

GEBRAN, Raimunda A. **A prática pedagógica colaborativa: pesquisa-ação na educação superior**. Disponível em: www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_10201_36192.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2018.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIARETTON, Francielly Lamboia e SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. **Conceito chave da práxis pedagógica**. Disponível em:

http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7543_5188.pdf. Acesso em 27 de setembro de 2018.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999

GONÇALVES, J. E. L. **Os impactos das novas tecnologias nas empresas prestadoras de serviços**. São Paulo, RAE, v. 34, n. 1, p. 663-681, jan/fev. 1994.

HUSSERL. **Os Pensadores**. HUSSERL - Vida e Obra. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 2000.

LEMOS, André. **Cultura da mobilidade**. Revista Famecos. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6314/4589>. Acesso em 28/06/2018;

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina: Sua História e Sua Gente**. Editora Rabisco. 2ª Edição, Jacobina, 2013);

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo. Edições Loyola, 1998;

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, 1999;

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006;

_____. **A Etnopesquisa crítica multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004;

MENEZES, E. T. de; SANTOS, Thais H. dos. **Verbete tecnicismo educacional**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/tecnicismo-educacional/>>. Acesso em: 25 de abr. 2017;

MORIN, E. **Ciência com consciência**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, ed. 9ª, 2005

ORSOLON, Luiza Angelina Marino. O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. **In: o coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. São Paulo. Edições Loyola, 2010;

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002 – (Guia da Escola Cidadã, v. 7);

PEREIRA, E. M. A. **A construção do conhecimento na modernidade e na pós-modernidade: implicações para a universidade**. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/a-construcao-do-conhecimento-na-modernidade-e-na-pos-modernidade-implicacoes-para-a-universidade>>. Acessado em 01 de Jun de 2016.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. **In: O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola**. São Paulo. Edições Loyola, 2010;

PRETTO, N. de L. (Org.). **Globalização & Educação: mercado de trabalho, tecnologias de comunicação, educação a distância e sociedade planetária.** (Série Terra Semeada) 2 ed. Ijuí: Unijuí. 2000;

_____. **Uma escola sem/com futuro.** Campinas: SP: Papirus, 1996.

PRETTO, Nelson De Luca. ASSIS Alessandra. Além das redes De colaboração internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador. EDUFBA | **In Cultura digital e educação: redes já.** Salvador: EDUFBA, 2008;

RAFFESTIN, Claude: **Por uma geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SÁ, Maria Roseli, **Itinerâncias em Currículo. In: Hermenêutica de um currículo: Ocurso de pedagogia da UFBA. 2004. 248f. Tese de Doutorado (Hermenêutica de um currículo: O curso de pedagogia da UFBA).** Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia;

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; Pretto, Nelson De Lucca. (Organizadores) **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas públicas.** – 1. ed., 1 imp. – Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012.246 p.

SANTOS, E. O. dos. **Cibercultura e pesquisa-formação na prática docente.** Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica.** 10ª edição Campinas. Autores Associados, 2008.

SCHALLER, Jean-Jacques. **Lugares aprendentes e inteligência coletiva: rumo à constituição de um mundo comum.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZAS, Elizeu Clementino de (Org.). (Auto)biografia: formação, territórios e saberes. Natal: UFRN/Paulus, 2008.

SILVA, Ana Elisa D. **Práticas pedagógicas e produções colaborativas: reflexões sobre o uso do smartphone no contexto escolar.** 2015. Artigo disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/praticas-pedagogicas-e-producoes-colaborativas-reflexoes-sobre-o-uso-do-smartphone>. Acesso em 23 de agosto de 2018;

SILVA, Solimar Patriota, PESSANHA, Ana Paula. **A produção textual e as novas tecnologias: o uso de blogs para a escrita colaborativa.** 2012; Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20856/20856.PDF>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

SOARES, Cristiane da Silva e ALVES, Thays de Souza. **Sociedade da Informação no Brasil: inclusão digital e a importância do profissional de TI.** Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/computacao/sociedade-informacao-no-brasil-inclusao-digital-a.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2018

UFBA-FACED/Prefeitura municipal de Irecê. **Programa Formação Continuada de Professores – Município de Irecê/Bahia.** – março de 2003;

_____. Prefeitura municipal de Irecê. **Especialização em Currículo** – Município de Irecê/Bahia. – 2010;

UNESCO. **Policy Guidelines for Mobile Learning**. Paris, France. A tradução para o português desta publicação foi produzida pela Representação da UNESCO no Brasil, 2017.

_____. **O Uso de Tecnologias Móveis na Educação de Refugiados**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-technology-in-educ/>. Acesso em: 07 de setembro de 2018;

_____. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel** <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227770> Título original: UNESCO Policy Guidelines for Mobile Learning, 2014; Paris 07 SP, France. A tradução para o português desta publicação foi produzida pela Representação da UNESCO no Brasil. *Tradução*: Rita Brossard

ANEXO

Portaria - proibição do uso do celular



ESTADO DA BAHIA
PREFEITURA MUNICIPAL DE IRECÊ
 Secretaria de Educação

PORTARIA Nº. 01/2015

“Proíbe a utilização de celulares, equipamentos eletrônicos e similares em sala de aula e dá outras providências”

O SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, do Município de Irecê, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais e regimentais;

Considerando que a educação é um direito de todos e dever do Estado, consubstanciado em dos principais direitos sociais elencados na Constituição Federal;

Considerando ser de responsabilidade do Município o dever de zelo pela qualidade da educação fornecida na respectiva rede de ensino, com o fito de desenvolver cidadãos comprometidos com a realidade político social;

Considerando que comprovadamente o uso de celulares em sala de aula e de equipamentos eletrônicos similares tiram a atenção dos alunos e prejudicam seu aprendizado;

RESOLVE:

Art. 1º - Fica proibido o uso de telefone celular, games, ipod, mp3, equipamento eletrônico e similar em sala de aula das instituições municipais de ensino. Salvo em caráter pedagógico.

Parágrafo Único – Quando a aula for aplicada fora da sala de aula, aplica-se o quanto disposto no *caput* do artigo em questão.

Art. 2º - Deverá ser fixado em local de fácil acesso e nas dependências das instituições educacionais e nas salas de aula cópia da presente portaria.

Art. 3º - Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Publique-se, Registre-se e Cumpra-se.

Irecê - BA, 11 de maio de 2015.


Otacílio Marques Douçado Sobrinho
 Secretário Municipal de Educação

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário para os professores



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Educação
PPGEDU - Mestrado Profissional em Educação - MPED



Investigação: Como inserir o uso do smartphone na sala de aula e possibilitar as práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem nos Anos Finais do ensino fundamental, nas turmas do 9º ano no colégio municipal Odete Nunes Dourado de Irecê-Bahia?

Mestrando: Valderí José de Carvalho

Orientadora: Alessandra santos de Assis

Nobre Professor(a),

Este questionário objetiva identificar as Práticas Colaborativas a partir do uso do Smartphone em suas atividades docentes e servirá de instrumento de produção de dados na pesquisa de Mestrado Profissional em Educação realizada no Fundamental II no Colégio Odete da Rede Municipal de Irecê.

Assim, solicito sua participação para responder este questionário. As informações em questão serão resguardadas, mantendo-se o anonimato e a confiabilidade durante todo o processo investigativo.

1. CONTEXTO PESSOAL	
1.1. Nome:	
1.2. Sexo: F () M ()	1.3. Idade:
2. CONTEXTO PROFISSIONAL / TEMPO DE ATUAÇÃO COMO PROFESSOR/A	
() 01 a 05 anos () 06 a 10 anos () 11 a 15 anos	
() 16 a 20 anos () 21 a 25 anos () mais de 25 anos	
2.2. Qual a carga horária semanal nessa escola? () 20 horas () 40 horas	
2.3. Regime de Trabalho: É concursado/a efetivo/a () ou Contratado/a ()	

Para responder a questões 1 e 2, assinale a quadrícula com um **X**, considerando o acesso em

C – casa, na E – escola e N – não tenho acesso em nenhum dos espaços descritos.

1. Tem acesso às Tecnologias Móveis e a internet em casa e/ou na escola?

1. TECNOLOGIAS MÓVEIS E INTERNET	C	E	N
1.1. SMARTPHONE			
1.2. NOTEBOOK			
1.3. CÂMERA FOTOGRÁFICA			
1.4. FILMADORA			
1.5. GRAVADOR DE SOM			
1.6. LAPTOP			
1.7. TABLET			
1.8. EQUIPAMENTO DE SOM			
1.9. PROJETOR DE IMAGENS			
1.10. INTERNET			

2. Quando utiliza a internet em casa e/ou na escola, quais são as finalidades?

2. ACESSO A INTERNET PARA	C	E	N
2.1. PESQUISAS E ESTUDOS			
2.2. ATIVIDADES DO TRABALHO			
2.3. ACESSO E PARTICIPAÇÃO EM REDES SOCIAIS			
2.4. JOGAR VIDEOGAMES			
2.5. LER NOTÍCIAS			
2.6. FAZER COMPRAS			
2.7. VER VÍDEOS/FILMES			
2.8. OUVIR MÚSICAS			
2.9. REALIZAR CURSOS/ESTUDOS À DISTÂNCIA			
2.10. REALIZAR PRODUÇÕES COLABORATIVAS*			

*Produções Colaborativas que envolvam o ensino e o aprendizado, a exemplo de textos, vídeos, imagens etc.

3. Você considera a sua PRÁTICA COLABORATIVA?

3.1. DESCONHEÇO A CONCEPÇÃO DESTA PRÁTICA.	
3.2. SIM, PORQUE RECONHEÇO A IMPORTÂNCIA DESTA PRÁTICA.	

4. Você já desenvolveu e/ou desenvolve alguma prática pedagógica a partir do uso do Smartphone na sua aula?

4.1. NÃO, PORQUE COMPREENDO QUE É DESNECESSÁRIO	
4.2. SIM, PORQUE RECONHEÇO A IMPORTÂNCIA DESTA PRÁTICA	

Para responder a questão 5, assinale a quadrícula com um **X**, considerando a formação vivenciada pelo/a: **U** – Universidade/Faculdade; **S** – Secretaria de Educação; **E** – escola; **P** - Particular e **N** – não tenho domínio enquanto elemento estruturante para a prática pedagógica. Assinalar também o “**I**”, caso compreenda importante a formação para o/s elemento/s estruturante/s na sua prática pedagógica colaborativa.

5. Tem recebido formação para a utilização das tecnologias móveis e da internet como elementos estruturantes para a prática pedagógica colaborativa?

5. FORMAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DO/A	U	S	E	P	N	I
5.1. SMARTPHONE						
5.2. NOTEBOOK						
5.3. CÂMERA FOTOGRÁFICA						
5.4. FILMADORA						
5.5. GRAVADOR DE SOM						
5.6. LAPTOP						
5.7. TABLET						
5.8. EQUIPAMENTO DE SOM						
5.9. PROJETOR DE IMAGENS						
5.10. INTERNET						

Para responder a questão 6, assinale a quadrícula com um **X**, considerando o uso do Smartphone em **C** – constantemente, na **R** – raramente, **D** – é relevante, entretanto não usa porque tem dificuldades para esta ação e **N** – não uso porque não percebo a necessidade.

6. Em relação ao SMARTPHONE: É um dispositivo que você usa

6. PARA OU NA	C	R	D	N
6.1. PESQUISAS E ESTUDOS				
6.2. ATIVIDADES DO TRABALHO				
6.3. ACESSAR/COMPARTILHAR REDES SOCIAIS				
6.4. JOGAR VIDEOGAMES				
6.5. LER NOTÍCIAS				
6.6. FAZER COMPRAS				
6.7. VER VÍDEOS/FILMES				
6.8. OUVIR MÚSICAS				
6.9. REALIZAR CURSOS/ESTUDOS À DISTÂNCIA				
6.10. REALIZAR PRODUÇÕES COLABORATIVAS ¹				
6.11. REGISTROS E PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS				
6.12. COMUNICAR AUDIOVISUALMENTE				
6.13. ENVIAR E RECEBER/LER E-MAILS / ARQUIVOS				
6.13. SALA DE AULA COM OS ALUNOS ²				

¹ Produções Colaborativas que envolvam o ensino e o aprendizado, a exemplo de textos, vídeos, imagens etc.

² Utiliza em sala de aula como elemento estruturante na prática pedagógica colaborativa junto com os estudantes.

7. Cite na ordem decrescente, pelo menos 3 aplicativos e ou funções que você mais usa no seu SMARTPHONE além das ligações realizadas normalmente entre as operadoras para as pessoas do seu convívio.

7.1	
7.2	
7.3	

Para responder a questão 8, assinale a quadrícula com um **X**, considerando a frequência **S** – semanal, a **Q** – quinzenal, a **M** – mensal, a **B** – bimestral e **N** – nunca realiza.

8. Quais são as práticas pedagógicas implementadas com as Tecnologias móveis destacadas na questão 1 e com que frequência?

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	FREQUÊNCIA				
	S	Q	M	B	N
Pesquisa na Internet					
Participação em fóruns de discussão					
Participação em conferências					
Criação e Integração do/no blogs					
Criação e apresentação audiovisuais					
Acesso a biblioteca virtuais					
Acesso a plataformas virtuais					
Acesso e uso de software livre					
Envio de trabalhos por e-mail					
Leitura e redação de documentos					
Interação em redes sociais					
Uso de aplicativos educativos					
Produção de Imagens					
Ver filmes/vídeos					
Apresentação de slides					
Realização de Saídas Fotográficas com os estudantes					
Atividades com o uso da música					
Fomento de atividades utilizando o Smartphone					

APÊNDICE B

Questionário compartilhado com os estudantes do 9º ano do Colégio Odete – Print Screen da/s tela/questões. Link: <https://forms.gle/Pb5o6k6CucQ8Nq1fA>



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Educação

PPGEDU - Mestrado Profissional em Educação - MPED



Investigação: Como inserir o uso do smartphone na sala de aula e possibilitar as práticas colaborativas no processo de ensino/aprendizagem nos Anos Finais do ensino fundamental, nas turmas do 9º ano no colégio municipal Odete Nunes Dourado de Irecê-Bahia?

Descrição (opcional)

1. QUAL O SEU NOME?

Texto de resposta curta

1.1. QUAL O SEU SEXO? *

FEMININO

MASCULINO

1.2. QUAL SUA IDADE? *

Texto de resposta curta

1.3. VOCÊ TRABALHA? *

NÃO

SIM

2.0. Você possui um aparelho SMARTPHONE? *

Sim

Não

2.1. Você utiliza a internet no seu smartphone? *

	Sim	Não
somente da operadora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
da operadora e quanto há acesso wi fi	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
somente quando há acesso wi fi	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.2. Você tem acesso a internet / wi fi do Colégio através do smartphone? *

- Sim
- Não

2.3. Quanto ao uso do smartphone e da internet durante as aulas para estudos em sala de aula. *

	SIM.	NÃO.
É PERMITIDO PELOS/AS PROFESSOR...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
USA ESCONDIDO POR QUE É PROIBID...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2.4. Quando utiliza o smartphone e acessa a internet em casa e/ou na escola, quais são as finalidades? *

	Em casa.	Na escola.	Não utilizo para esta finalid...
PARA PESQUISAS E ESTUD...	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARA ACESSAR E PARTICIP...	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARA JOGAR GAMES.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARA LER NOTÍCIAS.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARA FAZER COMPRAS.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARA VER VÍDEOS/FILMES.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PARA OUVIR MÚSICAS.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.5. Você utiliza o smartphone e acessa a internet em casa e/ou na escola, para pesquisas e estudos em grupo? *

	Em casa.	Na escola.	Não utilizo para esta finalid...
ATRAVÉS DE BLOGS.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ATRAVÉS DO WHATSSAP.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ATRAVÉS DO FACEBOOK.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ATRAVÉS DE OUTROS(AS).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.6. Você já desenvolveu e/ou desenvolve alguma ATIVIDADE a partir do uso do Smartphone na sala de aula? *

- NÃO, COMPREENDO QUE É DESNECESSÁRIO.
- SIM, PORQUE RECONHEÇO A IMPORTÂNCIA DESTA TECNOLOGIA NOS MEUS ESTUDOS.
- NÃO É PERMITIDO, POR ISSO NÃO UTILIZO PARA NAS MINHAS ATIVIDADES EM SALA DE AULA.

2.7. Na sua opinião é importante um curso para a utilização das tecnologias móveis e da internet como UMA maneira de ensino/aprendizagem? *

- é importante, mas não tenho interesse em participar.
- é de grande importância e tenho interesse em participar.

2.8. Cite pelo menos 3 aplicativos e/ou funções que você mais usa no seu SMARTPHONE além das ligações realizadas normalmente entre as operadoras para as pessoas do seu convívio. *

Texto de resposta longa

2.9. Você é a favor do uso do SMARTPHONE na sala de aula para /ENSINO APRENDIZAGEM? *

SIM.

NÃO.